

ROCHA PEIXOTO: O GOSTO PELA CERÂMICA E PELOS SEUS ARTÍFICES

Isabel Maria Fernandes¹

1. INTROÍTO

Há leituras que nos acompanham pela vida fora, textos que lemos e voltamos a reler sejam eles escritos por romancistas, poetas ou investigadores. Desde que fizemos da cerâmica o nosso campo de estudo, Rocha Peixoto é um desses autores a quem frequentemente retornamos².

Na sua época Rocha Peixoto foi o único que fez da cerâmica, mais concretamente da olaria, uma área de investigação. É sabido que Joaquim de Vasconcelos foi o primeiro a chamar a atenção para estas «louças da aldeia» ou «olarias rústicas» (VASCONCELOS, 1884 [1883]: 93 e 98) e para a necessidade de as estudar e preservar. É Joaquim de Vasconcelos o principal impulsionador da exposição de Cerâmica que decorreu, em 1882, no Palácio de Cristal, no Porto, e que foi promovida pela Sociedade de Instrução do Porto³, sendo nessa altura Rocha Peixoto um jovem de 16 anos⁴. Joaquim de Vasconcelos é também o autor do livro «Cerâmica Portuguesa: estudos e documentos inéditos» editado na sequência da referida exposição (VASCONCELOS,

1. Investigadora. Directora do Museu de Alberto Sampaio. Email: imf.isabel@gmail.com ou masampaio.directora@imc-ip.pt

Não posso deixar de agradecer a várias instituições e pessoas o apoio dado a este trabalho. Na Biblioteca Pública de Braga, agradeço ao meu colega e amigo Dr. Henrique Barreto Nunes que me permitiu estudar e fotografar os desenhos de Rocha Peixoto que se encontram entre o espólio de Manuel Monteiro; no Museu de Olaria, à minha colega e amiga, Dr.ª Cláudia Milhazes, que como sempre me permitiu o acesso às peças e à documentação do Museu; também agradeço à Dr.ª Patrícia Moscoso e à Arq.ta Raquel Carvalho, ambas técnicas do Museu de Olaria. A primeira porque me tem acompanhado no estudo das coleções cerâmicas do Museu de Etnologia do Porto e do Museu de História Natural da Universidade do Porto, e à segunda por ter sido a autora do mapa com a localização dos centros cerâmicos referidos na obra de Rocha Peixoto; na Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, agradeço ao Dr. Manuel Costa e à Dr.ª Lurdes Adriano que me apoiaram na pesquisa de documentação manuscrita de Rocha Peixoto relativa à cerâmica existente naquela biblioteca; no Museu Nogueira da Silva, agradeço à Dr.ª Helena Trindade, que me permitiu consultar o arquivo fotográfico de Rocha Peixoto, da máxima importância para o conhecimento das fotografias relativas à cerâmica. Por fim, mas de não sómos importância, ao Manuel Correia que fotografou os desenhos de Rocha Peixoto existentes na Biblioteca Pública de Braga.

2. Este texto é imensamente devedor do trabalho metódico e rigoroso de Flávio Gonçalves que estudou (GONÇALVES, 1965: 298-405) e publicou com denodado afincio a obra de Rocha Peixoto. Sem a publicação da obra, em três volumes, este nosso contributo para o conhecimento da investigação ceramológica de Rocha Peixoto seria difícil de concretizar no tempo em que foi realizado.

3. A exposição inaugurou no dia 22 de Outubro, no «circo olímpico do Palácio de Cristal» e encerrou a 26 de Novembro de 1882 (VASCONCELOS, 1882: 679-680).

4. Rocha Peixoto, em 1882, ano da exposição de cerâmica, já vivia no Porto e havia-se iniciado nas lides literárias. Flávio Gonçalves dá conta que em 1881, «Rocha Peixoto pertencera ao corpo fundador de uma efémera revista de estudantes. Refiro-me ao Boletim Literário. Revista Académica Mensal (Porto, 1881), de que saíram pelo menos três números» (GONÇALVES, 1966: 30-31). Talvez tivesse mesmo visitado a exposição e daí nascesse o seu interesse pela cerâmica.

1884 [1883]). Este investigador não se limitou apenas a enumerar os centros oláricos existentes, preocupou-se também com os oleiros e a sua situação económico-social bem como com a preservação desta arte ancestral:

«O oleiro vegeta na miséria, em geral, numa miséria de que não fazem a mais leve ideia aqueles que só vêm as coisas por óculos cor-de-rosa e se regalam nas fofas cadeiras das secretárias, argumentando só com a alta cotação das inscrições, e esquecendo que o alto juro do papel oficial é uma das causas da pobreza de capital nas províncias, e da usura colossal que o pobre industrial popular tem de saldar com a vida, porque o suor do rosto já não chega para isso. Fazemos esta observação porque alguns colegas da província acusaram esta ou aquela região de não haver concorrido. Nós, que sabemos perfeitamente que o triste oleiro tem muitas vezes de pedir dinheiro emprestado para fazer uma pequeníssima fornada, cujo êxito é incerto, que conhecemos a profunda miséria que lavra na maior parte das províncias do país, apesar de todos os melhoramentos materiais, devemos recomendar toda a benevolência para com a triste gente. Vejam esta miséria com olhos enxutos, e depois acusem, se tiverem ânimo» (VASCONCELOS, 1884 [1883]: 95-96).

Também Leite de Vasconcelos, do qual recentemente se comemorou os cento e cinquenta anos do nascimento, abordou a cerâmica mas nunca do modo sistemático e científico de Rocha Peixoto. De facto, há nos textos do autor de «As Olarias de Prado» uma profundidade na abordagem que mais nenhum outro autor da sua época atingiu. Rocha Peixoto não se limitou a recolher peças e testemunhos sobre os centros oláricos, tratou de os interpretar, quer no contexto das materialidades quer no que se relaciona com o «conspecto social» e económico dos seus artífices (PEIXOTO, 1995 [1900]: 122-132). Rocha Peixoto procurava sempre compreender/interpretar o homem para lá das suas criações funcionais.

Para se ter uma ideia do que este investigador considerava importante recolher no âmbito do trabalho de campo e do

inquérito às populações leia-se o que ele sugere a António Tomás Pires, numa carta datada de 4 de Maio de 1899:

«Apesar do inquérito rural estar feito tem V.^a Ex.^{cia} e as suas notáveis aptidões um vasto campo de trabalho etnográfico, sem sair de Elvas. Escuso-me de lho lembrar pois V.^a Ex.^{cia} bem o sabe. Permito-me apenas chamar-lhe a atenção para algumas indústrias populares locais: olaria (louças populares de barro), espartaria, cordoaria, cestaria, cera, ferraria, funilaria, albardas e outros arreios de cavalos, etc. A descrição minuciosa destas indústrias é um dos grandes capítulos do nosso programa. Isto está quase tudo por fazer, não é verdade? O aprendizado, as matérias-primas, os produtos, os salários, as condições de vida e comerciais, a organização do trabalho, etc., etc., tudo isto completado com croquis ou fotografias dos produtos confeccionados, dos utensílios das profissões, dos operários no trabalho, etc., eis um dos traços importantíssimos a registar» (GAMA, 1966: 100).

Lamentavelmente Rocha Peixoto morre novo (1866-1909), na altura em que pretendia publicar um trabalho de síntese sobre as investigações que vinha desenvolvendo sobre a etnografia das «províncias nortenhas do Minho e Trás-os-Montes». Seu primo Manuel Monteiro, companheiro de saídas em trabalho de campo, dá conta do ensejo que Rocha Peixoto tinha em condensar essa investigação «em três volumes concernentes à montanha, ao vale e à costa ou litoral, que se intitulariam, respectivamente, a Serra, a Ribeira e o Mar» (NUNES; FERNANDES, 1998: 3). Para além destes três volumes Rocha Peixoto pretendia também vir a publicar estudos sobre: Arte Popular (2 vols), A religião (1 vol.) e História do Povo Português (esboço) (1 vol.) (GONÇALVES, 1966: 14).

2. ROCHA PEIXOTO: O PERCURSO DE UMA VIDA EM TORNO DOS ESTUDOS CERÂMICOS

Rocha Peixoto, como outros homens da sua época, ao pro-

curar compreender o povo português, começa por buscar-lhe as origens mais remotas e desemboca na arqueologia. Sente que o homem seu conterrâneo é o que é em função do seu presente mas também do que herdou dos seus antepassados. Na olaria que estuda encontra, por exemplo, similitudes formais e funcionais com aquela que faziam os povos primitivos que habitavam na Península Ibérica e mesmo noutras regiões bem mais longínquas (PEIXOTO, 1995 [1900]: 89-95).

Rocha Peixoto é, sem dúvida, um investigador que considera o trabalho de campo primordial para a abordagem científica do tema a estudar, e isto numa época em que a circulação se faz dificilmente, os transportes são maus, a hospedagem praticamente inexistente e o dinheiro escasso⁵.

Manuel Monteiro, que foi companheiro de Rocha Peixoto em muitas dessas incursões, refere a determinação deste em realizar trabalho de campo:

«Relativamente ao povo serrano impôs-se ir estudá-lo no seu habitat, escolhendo-me para seu companheiro e colaborador para maior facilidade e rapidez na recolha dos materiais de estudo e para maior conforto moral do sábio isolado no convívio de populações tão primitivas» (NUNES; FERNANDES, 1998: 3).

Seu sobrinho, o Coronel J. da Rocha Peixoto, dá conta das dificuldades sentidas pelo investigador no trabalho de campo:

«Depois de viagens pelo Marão e, posteriormente, pelo Montemuro e Gralheira, sempre na pesquisa e recolha de 'materiais para o estudo do povo português', começa Rocha Peixoto a ressentir-se do desconforto e agressividade dos meios de transportes, da alimentação, da inclemência do clima, do excessivo esforço

ininterruptamente despendido. Acamara, desde logo com grande abatimento, com uma tuberculose intestinal» (PEIXOTO, 1966: 130).

Rocha Peixoto percorre todo o País, mas principalmente a região norte, em busca de materiais para as suas investigações. Fazia estas incursões em período de férias⁶, pois os seus muitos afazeres profissionais não lhe permitiam dedicar-se por inteiro aos estudos etnográficos.

Manuel Monteiro, que o costumava acompanhar, informa sobre o período em que essas incursões eram feitas:

«Ficou então estabelecido que faríamos duas excursões por ano: uma na Primavera, nas férias da Páscoa, limitada a breves zonas como as serras de Castro Laboreiro, Marão, Moncorvo e Gralheira, e outra no Verão, nas férias grandes, com destino às vastas regiões montanhosas» (NUNES; FERNANDES, 1998: 4).

Em carta enviada a António Tomás Pires, em 1899, Rocha Peixoto elucida sobre o período que costuma dedicar às suas investigações no terreno:

«Este mês de Setembro é, durante o ano, o único período livre que eu posso melhor consagrar às minhas etnografias» (GAMA, 1966: 104).

Nas suas incursões por montes e vales vai muitas vezes acompanhado por Manuel Monteiro e José Pinho (PINHO, 1966 [1906]: 71-72). Esse facto demonstra bem ser um homem que cedo compreende que a tarefa é ingente e urgente, e que o contributo de todos é necessário⁷. Esclarece Manuel Monteiro:

5. Rocha Peixoto dá conta de um episódio que bem evidencia o aperto financeiro sentido em algumas ocasiões. Conta ele que numa visita à citânia de Briteiros, o caixa, ou seja o que entre eles ficara incumbido de guardar o dinheiro, o perdera «por sobre o pavimento das ruas ou entre as ruínas de casas» da citânia, tendo eles de voltar ao Porto «marchando dia e noite muitas horas e entretendo-as com o alívio da lembrança de piores torturas». Lamenta que nessa época não «fosse conhecido pessoalmente o Martins Sarmento», pois se o conhecessem «a fortuna estaria em Guimarães» (PEIXOTO, 1975 [1898]: 357-358).

6. Manuel Monteiro informa que nas férias de 1901 a 1905 acompanha regularmente seu primo no trabalho de campo «a Terras de Basto, ao Barroso, ao Alto Minho (Castro Laboreiro, Soajo e Lindoso), ao Gerês, ao Marão e ao distrito de Bragança» (NUNES; FERNANDES, 1998: 4).

7. Rocha Peixoto refere, por exemplo, que os membros da Sociedade Carlos Ribeiro, da qual era sócio activo, costumavam realizar excursões científicas em grupo (PEIXOTO, 1975 [1898]: 357-358).



8. **Mulher com cântaro à cabeça.** Miranda do Douro. Séc. XIX, último decénio – Séc. XX, primeiro decénio. Museu Nogueira da Silva. Arq. Fotográfico de Rocha Peixoto (N.º 214). Rocha Peixoto publicou um desenho feito a partir desta fotografia num dos seus estudos (PEIXOTO, 1995 [1907], est. LV, 25). Provavelmente o cântaro é das olarias de Pinela.



215. **Fonte dos canos.** Miranda do Douro (Miranda do Douro, Bragança). Séc. XIX, último decénio – Séc. XX, primeiro decénio. Museu Nogueira da Silva. Arq. Fotográfico de Rocha Peixoto (N.º 215). Repare-se no tipo de bilha que está na fonte: uma do lado esquerdo, aos pés do rapazinho e a outra junto da mulher.

«A múltipla importância das excursões pela montanha, quase inédita em Portugal pode depreender-se do sumariado relato de uma travessia rápida pelo Marão, feita em colaboração mesquinhamente subsidiária de um inquérito etnográfico, organizado pelo notável homem de ciência, Sr. Rocha Peixoto» (MONTEIRO, 1903).

Da memória dessas incursões pelo campo restam-nos alguns dos seus cadernos repletos de desenhos e apontamentos manuscritos, assim como desenhos soltos de peças de olaria que lhe interessaram⁸. Através destes desenhos foi, por exemplo, possível identificar a proveniência de um conjunto de peças de olaria que hoje fazem parte da coleção do Museu de História Natural (Universidade do Porto), e das quais nada se sabia⁹.

Rocha Peixoto (e o escol da revista *Portugalia*) foi também um dos primeiros a utilizar a fotografia como documento imprescindível na investigação etnográfica. Num dos seus textos refere as fotografias e desenhos que ia fazendo à sua custa:

8. Escreve Flávio Gonçalves, o seu melhor biógrafo: «No que resta do espólio de Rocha Peixoto encontram-se muitos apontamentos etnográficos colhidos pelo cientista entre 1895 e 1899. Deste espólio o Rev.º Padre Mário César Marques (S. Julião de Paços, Braga) possui dois cadernos de bolso com «Notas e desenhos de Etnografia» que Rocha Peixoto tomou durante as digressões de estudo. Um dos cadernos encerra apontamentos de 1896-1897 e outro de 1897-1898. Também na parte do espólio de Rocha Peixoto que está guardada na Biblioteca Municipal da Póvoa há apontamentos seus, etnográficos, datados de 1895 e 1898» (PEIXOTO, 1975: XXV, Nota 3). Mais à frente acrescenta: «Na parte do espólio de Rocha Peixoto que actualmente está na posse do Rev.º P.e Mário César Marques, e do autor deste prefácio, e da Biblioteca Municipal da Póvoa, há desenhos da autoria de Rocha Peixoto representando obras ergológicas. Os desenhos que se encontram em meu poder foram, ainda em vida de Rocha Peixoto, passados a limpo e aperfeiçoados, por artistas, a fim de serem publicados; esses desenhos corrigidos, e inéditos, acham-se hoje na posse do Ex.mo Senhor Coronel José Monteiro da Rocha Peixoto (Ancede, Baião), vindos da casa de Manuel Monteiro. Também o Ex.mo Coronel José Monteiro da Rocha Peixoto, sobrinho do etnógrafo, possui diversas fotografias de temas populares, tiradas pelo seu tio, que serviram de modelo para desenhos que aparecem em trabalhos impressos de Rocha Peixoto» (PEIXOTO, 1975: XXXVI-XXXVII, Nota 6).

Acrescente-se que no espólio da Biblioteca Pública de Braga, no acervo de Manuel Monteiro, existem também folhas soltas e desenhos que pertenceram a Rocha Peixoto (NUNES; FERNANDES, 1998: 3-28).

9. A maior parte das peças que constam dos desenhos de Rocha Peixoto existentes na Biblioteca Pública de Braga e já publicados (NUNES; FERNANDES, 1998: 3-28), vão ser inseridas num catálogo a publicar em 2009, numa edição conjunta do Museu de Olaria, Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real e Museu de Alberto Sampaio.

«Percorrendo há muitos anos grande parte do país, o tenho feito à conta dos sobejos dos meus honorários de funcionário público, custeando ainda algumas centenas de clichés e pagando a maioria dos desenhos das minhas pastas» (PEIXOTO, 1975 [1907]: 612).

E, em carta escrita a seu primo Manuel Monteiro, dando conta dos preparativos para o trabalho de campo que ambos iam efectuar, em 1901, a Vilarinho de Negrões e Montalegre, elucida:

«Levo mapa, 3 dúzias de chapas e vestuário só indispensável, papel, lápis e algum talento» (NUNES; FERNANDES, 1998: 4).

Mas Rocha Peixoto para além de utilizar a fotografia nos seus trabalhos incita também outros investigadores a fazê-lo. Em carta enviada a António Tomás Pires, a 11 de Abril de 1899, pede-lhe que estude «Elvas e arredores ou outras regiões alentejanas» e aconselha o uso da fotografia como documento: «e se a fotografia fosse possível (nós pagaríamos alguns clichés), eis os melhores dos complementos, como, de resto, desenhos, croquis, etc., por grosseiros que fossem» (GAMA, 1966: 96). Noutra carta, datada de 4 de Maio de 1899, retoma o tema: «Deixe-me só recomendar-lhe mais isto: As fotografias devem ser bem nítidas, mesmo um pouco duras, para melhor êxito da gravura. Além de que convém que a sua remessa proceda do original a fim de as mandar gravar com tempo» (GAMA, 1966: 99).

É notável o espólio fotográfico que após a sua morte se manteve nas mãos de seu primo Manuel Monteiro, e que hoje pertence à Biblioteca Pública de Braga, estando depositado no Museu Nogueira da Silva¹⁰. Rocha Peixoto também consi-

10. Convém também referir que algumas fotografias deste numeroso acervo se encontram na mão de familiares de Rocha Peixoto. Diz Flávio Gonçalves «Também o Ex.mo Coronel José Monteiro da Rocha Peixoto, sobrinho do etnógrafo, possui diversas fotografias de temas populares, tiradas pelo seu tio, que serviram de modelo para desenhos que aparecem em trabalhos impressos de Rocha Peixoto» (PEIXOTO, 1975: XXXVI-XXXVII, Nota 6).

derava importante, para os estudos arqueológicos e etnográficos, o recurso ao postal ilustrado dado que nele se utilizava a fotografia (PEIXOTO, 1975 [1908]: 401-403).

O seu trabalho sobre as «Olarias de Prado», ainda hoje de leitura imprescindível, é valioso pelo texto mas também pelas ilustrações que apresenta (PEIXOTO, 1995 [1900]: 89-132). Por exemplo, os desenhos do figurado¹¹ que então se fazia em Prado (hoje concelho de Barcelos) são da maior utilidade quando se pretende estudar a evolução desta arte ao longo do século XX.

Os desenhos que ilustram as suas obras são de diversos autores: Acácio Lino; Artur Cruz; Aurélia de Sousa; Carlos Vilarés; sua sobrinha, Clotilde da Rocha Peixoto¹²; Francisco Gil; Igo de Pinho; Joaquim Aroso, José Fortes; José Pinho; Michelangelo Soá e Sofia de Sousa (PEIXOTO, 1995: 383-384). Um dos que para ele desenhava – José Pinho – relembra a primeira ida à casa de Rocha Peixoto, em Matosinhos:

«E numa pequena e modesta sala do rés-do-chão, sala ao depois tão minha conhecida por frequentada, onde tinha os seus livros e onde recebia, lá estivemos a conversar por espaço quase de três horas, mostrando-me ele as suas pastas repletas de desenhos e o seu opulento e magistral trabalho de inquérito, esforçando-se ao mesmo tempo por fazer despertar em mim o amor pela etnografia, ciência que era a sua única e verdadeira paixão, e para o que, desde logo, me concedeu a subida honra de aceitar o mesquinho concurso do meu lápis. Daqui datam, as nossas íntimas relações,

11. Rocha Peixoto designa o figurado como estatuária (PEIXOTO, 1995 [1900]: 113-122).

12. Diz seu sobrinho que «Rocha Peixoto era um mago a descobrir aptidões, a despertar curiosidades, a vencer desânimos, a encorajar os tímidos. Não admira, pois, que as irmãs se não furtassem a esta influência, não obstante as obrigações próprias. Todos os familiares eram inelutavelmente contagiados pela energia que dimanava da sua vontade e obstinação. A mais nova, Maria Beatriz, inteligente e culta, estava encarregada de colher e seleccionar adivinhas, quadras, adágios, anedotas, lendas, etc.; a sobrinha Clotilde, filha da irmã mais velha, Adelaide Sofia, desenhava cataventos, trajes, lampadários e tudo o mais que interessasse à ilustração dos seus trabalhos; à irmã Augusta cometera a tarefa de ajustar, recortar, colar desenhos, figuras, fotografias, etc. Até minha mãe, que vivia na aldeia, era constantemente assediada com perguntas sobre o regime de propriedade, pastorícia, existência de inscrições, capelas antigas, costumes, vocabulário popular, memória de qualquer espécie, das quais me recorda que provocou bastante correspondência» (PEIXOTO, 1966: 127-128).

e destas a amizade puramente verdadeira que sempre nos uniu. Depois com Manuel Monteiro, o continuador da sua obra, a quem já nos últimos dias de vida o mestre legou todo o seu material, por o julgar o único capaz de tal empresa, lá o acompanhei nos seus estudos ao Marão, Campeã, Canadelo e mais tarde à Gralheira, Alhões e Tendais¹³» (PINHO, 1966 [1906]: 71-72).

A importância que Rocha Peixoto tributa aos desenhos e às fotografias está bem patente no excerto do texto que aqui incluímos, extraído do artigo em que polemiza com José Leite de Vasconcelos. Refere ele ser a ocasião:

«Azada para renovarmos em público, os nossos constantes pedidos aos colaboradores da Portugalia no sentido de fazerem acompanhar os seus trabalhos com o material icónico mais copioso possível, não esquecendo, além dos desenhos e fotografias, as plantas, cartas, calcos, diagramas, gráficos, esquemas e todo o subsídio que melhormente esclareça e ilustre as suas obras, de sorte que tornem esta obra comum, embora aparatosa como acha o Sr. Vasconcelos, maximamente instrutiva» (PEIXOTO, 1975 [1907]: 596-598).

Mas este autor não se preocupa apenas em fazer trabalho de campo, ler, investigar, desenhar, fotografar e publicar o resultado dessas investigações, cedo percebe que há necessidade de preservar, estudar e divulgar os vestígios materiais das artes que estuda. Para ele, os museus são o local ideal para «arquivar» quer os artefactos arqueológicos quer os realizados pelos artífices do seu tempo. Enquanto está à frente da Bi-

13. A amizade que unia José de Pinho a Rocha Peixoto é recordada pelo sobrinho deste, Coronel J.P. da Rocha Peixoto: «Em Áncede, minha aldeia natal, conheci José de Pinho, professor primário em Amarante ou redondezas. Ali fora levado a solicitação de Rocha Peixoto que, por aquela altura, se propunha, na companhia de Manuel Monteiro, estudar determinados aspectos das populações da Gralheira e Montemuro, serrania cujo dorso maciço e comprido se alonga em frente da casa onde nasci, na outra margem do Douro. José de Pinho, em quem Rocha Peixoto adivinhara vocação e mérito, era um dos contagiados pelo vírus etnográfico. A sua presença era certa quando meu tio por ali passava» (PEIXOTO, 1966: 129).

biblioteca e do Museu Municipal do Porto trata de ir adquirindo peças arqueológicas mas também artefactos feitos pelos artífices seus conterrâneos¹⁴. No Museu Nacional de Soares dos Reis existe uma cópia dactilografada de parte do inventário do Museu Municipal do Porto, intitulado «Cerâmica» / Aquisição sob o auspício do antigo conservador do Museu, Rocha Peixoto¹⁵, no qual estão inseridas para além de dezenas de peças de faiança, trinta e oito peças de olaria, muitas das quais se encontram actualmente depositadas no Museu de Etnologia do Porto.

Rocha Peixoto, para conhecer em profundidade as produções dos oleiros portugueses, recorre também ao estudo da colecção de olaria do Museu Industrial e Comercial do Porto, encontrando-se no seu espólio vários desenhos de peças desta proveniência (NUNES; FERNANDES, 1998: 3-28). É importante referir que o espólio cerâmico do extinto Museu Industrial e Comercial do Porto é actualmente propriedade do Museu de História Natural (Universidade do Porto). A análise dos desenhos de Rocha Peixoto (nos quais vem manuscrita a designação da peça e o local de produção) em conjugação com a análise dos objectos pertencentes ao Museu de História Natural permitiu-nos ficar a conhecer a sua proveniência de fabrico.

14. Escreve Correia Pacheco, vereador da Câmara Municipal do Porto: «A quem se deve a criação do museu de arqueologia, no átrio do edifício da Biblioteca (...)? – a ele. A quem se deve a secção etnológica do museu (...)? – a ele. Sempre que, em qualquer parte, aparecesse à venda qualquer raridade inestimável, Rocha Peixoto tinha quem o avisasse, e ele aí estava em campo, contratando, regateando, porque as verbas exiguas do orçamento não o deixavam ir longe; e depois gabava-se, cheio de alegria pela sua boa aquisição, ou queixava-se dos agentes do museu de Lisboa serem melhor dotados, que às vezes conseguiam, à força de dinheiro, vencer o vendedor. Com que empenho ele se apresentou diante de nós, e antes disso, diante de cada um em particular, para que comprássemos o museu Cabral [colecção Moreira Cabral], da rua das Flores, tão cheia de preciosidades?» (PACHECO, 1966 [1909]: 110-111).

15. Trata-se de um caderno com folhas dactilografadas, com 42 páginas e com os seguintes dizeres na capa: «R.P.C. / ARQUIVO / CÓPIA / Museu Municipal do Porto / Documento N.º 5 com 42 páginas / Assunto: «Cerâmica» / «Aquisição sob o auspício do antigo conservador do Museu, Rocha Peixoto» / Inventário N.º 2 / Setembro de 1919 / Observações: Cópia do Caderno Manuscrito existente no Museu e que foi feito pelo antigo conservador Sr. Eleutério Cerdeira / Notas especiais: Serve esta cópia do documento citado, para os trabalhos de buscas quanto ao recheio do Museu Municipal, na organização do INVENTÁRIO – GERAL (1938-1939). A cópia foi dactilografada pelo Auxiliar assalariado Sr. Carlos Miranda. / Data: Setembro de 1938 / Ass.: P[into] do C[outo].»

Mas, a este homem não era suficiente o trabalho de campo, a consulta bibliográfica, a fotografia, os postais ilustrados, o desenho, a organização de museus e de exposições¹⁶. Rocha Peixoto considerava também que para perceber a sua época, e as «indústrias regionais» que pretendia estudar, era necessário consultar documentação de arquivo, a qual, juntamente com todos as outras componentes atrás referidas, permitia melhor compreender o passado, entender o presente e perspectivar o futuro. Escreve ele:

«O inquerito, por último, dos arquivos do reino – na Torre, nos bispados, nas Câmaras, nas Misericórdias, nas confrarias, nos cartórios, nos tombos das velhas casas, nas épaves dos conventos e ainda no Vaticano, na Flandres, em Paris, em Londres, em Madrid, em Veneza, por toda a parte onde mantivemos relações mercantis e outras – para finalmente reconstituir, com todos os meios acessíveis, o passado da nacionalidade que sentíamos e afirmávamos amar nobilissimamente» (PEIXOTO, 1975 [1898]: 345-365).

Ao ser simultaneamente bibliotecário e conservador de museu, Rocha Peixoto preocupou-se também em adquirir para a Biblioteca as publicações necessárias ao estudo de temas que ele e os investigadores do seu tempo procuravam analisar.

Rocha Peixoto, ao contrário da maior parte dos seus conterrâneos, faz escola. Não guarda os dados para si, preocupa-se em conquistar para a sua causa, ou seja, para o conhecimento das «artes regionais», e concretamente das artes cerâmicas, investigadores espalhados por todo o País.

À sua influência se deve a publicação de vários textos científicos. Também nisso foi um homem à frente do seu tempo.

Os estudos que incentiva e acompanha não são um simples enumerar de dados, mas estudos de síntese sobre um determinado tema, contributos necessários para o conheci-

16. Para bem entender o seu pensamento é conveniente ler o que escreve num texto sobre a Sociedade Carlos Ribeiro, em 1898 (PEIXOTO, 1975 [1898]: 363).



274. **Grupo em carroça.** Séc. XIX, último decénio – Séc. XX, primeiro decénio. Museu Nogueira da Silva. Arq. Fotográfico de Rocha Peixoto (N.º 279). No arquivo fotográfico de Rocha Peixoto há várias fotografias de grupo. Parece que nas jornadas científicas efectuadas este costumava fazer fotografia do grupo que o acompanhava.



mento do Povo Português. A «Portugalia», uma das últimas publicações que ajudou a criar e à qual se dedicou inteiramente, é bem a imagem do seu saber e do gosto que tem por encorajar terceiros a dedicarem-se ao estudo da «grei».

Através da leitura da sua correspondência percebemos como ele se preocupa em incentivar aqueles que conhece e considera aptos para investigar o povo português e as suas artes. É ele que entusiasma, por exemplo, Tude de Sousa a proceder ao estudo sobre o Gerês e as suas gentes, estando o seu pensamento bem expresso na carta que lhe envia a 10 de Dezembro de 1907:

«Isso aí [no Gerês] é realmente um filão. Não esqueça, por exemplo, o que diz respeito à habitação, com todos os detalhes e pormenores, ao vestuário, à alimentação, ao mobiliário caseiro, à alfaia agrícola e pastoril, aos costumes (casamentos, baptizados, enterros), à religiosidade (romarias, devoções, clamores, cercos, amuletos, promessas), às superstições, às trovas populares... a tudo, enfim, que traduza o viver familiar, social, económico e especulativo da população serrana. (...) Em meu parecer, eu rejeitaria, em geral, tudo o que está escrito, produzindo apenas os resultados das investigações directas e *in situ*. (...) N.B. Não esquecer as indústrias locais: cestaria, carvão, socos, teares e tecelagem, etc., etc. E aproveitar os fotografos que aí apareçam para obter a documentação gráfica, não alindada, mas precisa e demonstrativa, com vigoroso carácter científico» (SOUSA, 1927: XXI-XXII).

Tude de Sousa, em carta a Tomás Pires, datada de 12 de Dezembro de 1907, dá conta dessa pressão positiva que Rocha Peixoto exerce sobre os que considera aptos para a investigação:

«O Rocha Peixoto é imensamente amável. Já me escreveu, agradecendo o meu 2.º artigo e por uma forma tão elogiosa e lisonjeira, que pretende, obrigando-me a continuar» (GAMA, 1966: 94).

Mas, referindo-nos apenas à cerâmica, vemos como ele busca por todo o País investigadores que analisem especificamente esta «indústria regional». É ele quem incentiva, quer António Tomás Pires a redigir um texto sobre as olarias de Elvas (PIRES, 1906: 274-277), quer Manuel Monteiro a escrever sobre as olarias de Miranda do Corvo (MONTEIRO, 1980 [1907]: 431-438), tendo ambos os artigos sido publicados na Revista Portugalia.

Rocha Peixoto, numa carta enviada a Tomás Pires, em 20 de Maio de 1899, congratula-se com o facto de este ter começado a sua investigação pela olaria:

«Começa V.ª Ex.ª muito bem pela olaria. Estas indústrias tradicionais que mais se prendem com a vida rural são importantes. E se V.ª Ex.ª quiser, enquanto não começa o inquérito, formula um plano das indústrias populares de Elvas, para depois as estudar sistematicamente. Das formas dos vasos era bom virem uns croquis. Ainda que grosseiros nós cá os entregaremos a um artista, para lapidar» (GAMA, 1966: 103).

Por volta de 1899, Rocha Peixoto tenta também convencer António Augusto Gonçalves, de Coimbra, a escrever sobre as olarias daquela região:

«Não me poderá dar oportunamente uma notícia acerca dos trabalhos de Condeixa? Não poderia escrever-me uma nótula descritiva das olarias daí? Ou ainda acerca doutros motivos etnográficos da região? Croquis ou clichés seriam recebidos com muita satisfação e reduzidos a gravuras que acompanhassem os respectivos textos» (AREIAS, 1966: 273).

Talvez também tenha sido a seu pedido que foi realizado o artigo de Baltazar Dias Coelho sobre as olarias de Santarém, datado de 1908, e cujo manuscrito se encontrava no espólio de Rocha Peixoto, destinado a ser publicado na Portugalia. Este documento foi mais tarde parar às mãos do Padre Mário César Marques:

«Em meu poder apenas ficaram apontamentos avulsos, os originais de um artigo de Rocha Peixoto para um Almanaque de Ponte de Lima e de um artigo do Abade de Baçal para a Portugalia (dos quais falo mais abaixo), o original de um artigo de B. D. Coelho, datado de 1908, sobre a «Cerâmica Popular no Distrito de Santarém» (e que não chegou a sair na Portugalia)» (MARQUES, 1966: 291-292).

No espólio de Rocha Peixoto, na Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, na Póvoa de Varzim, existe uma carta de Baltazar Dias Coelho para Rocha Peixoto, datada de 21 de Dezembro de 1908, na qual aquele escreve:

«Quanto a fotografias, ficaram inutilizadas, (?) não servirem os primeiros clichés que se tiraram. Ontem, aproveitando a beleza do dia, lá voltou o fotógrafo a ver se faz coisa de jeito. Servindo, emenda-se o texto, fazendo-lhe referência»¹⁷.

No referido espólio constam também seis cópias fotográficas da olaria de Santarém, muito provavelmente datadas do início de 1909. Trata-se de: duas fotografias do oleiro a trabalhar à roda; duas com as peças aí fabricadas e duas com o forno, vendo-se a porta de enforamento e loiça dentro.

Rocha Peixoto também não se coíbe de apoiar quem lhe pede ajuda. É ele quem fornece a Charles Lepierre os elementos sobre as olarias de Prado utilizados por este autor no livro «Estudo químico e tecnológico sobre a cerâmica portuguesa moderna»¹⁸ (LEPIERRE, 1912 [1899]).

Esta colaboração deu seguramente azo a que Rocha Pei-

xoto, algum tempo depois, solicitasse a Charles Lepierre as análises dos barros utilizados pelos oleiros de Prado¹⁹, de Gondar (Amarante) e de Gove (Baíão), as quais publica nos seus estudos (PEIXOTO, 1995 [1900]: 97; 1995B [1905]: 180).

Não sabemos o que terá levado Rocha Peixoto a interessar-se particularmente pela cerâmica, mas uma hipótese que se pode aventar é ter decidido agarrar esta temática após a morte prematura de Xavier Pinheiro, um dos elementos do grupo da «Revista de Ciências Naturais e Sociais». Parece que Xavier Pinheiro se vinha dedicando ao estudo da cerâmica popular portuguesa²⁰, tal como o afirma Rocha Peixoto:

19. «As análises dos barros utilizados no fabrico das olarias populares [de Prado] que estudamos foram obsequiosamente efectuadas pelo ilustre químico e professor, Sr. Charles Lepierre, para quem são familiares estes trabalhos, mercê duma alta competência assinalada e dos seus largos estudos sobre as olarias portuguesas. Com muita satisfação lhe renovo publicamente os meus agradecimentos» (PEIXOTO, 1995 [1900]: 97).

Na Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, na Póvoa de Varzim, existem os resultados (manuscritos) de diversas análises de amostras de barro enviadas por Charles Lepierre a Rocha Peixoto – Miranda do Corvo (3 amostras) Marão (3 amostras) e Prado (8 amostras). O texto relativo às amostras de Miranda do Corvo está datado e assinado «Coimbra 1 de Julho de 1903 / Charles Lepierre». Impresso no canto superior esquerdo de uma das folhas o seguinte: «Escola Industrial / Coimbra / Laboratório Chimico». A análise das amostras relativas a Miranda do Corvo é publicada por Manuel Monteiro (MONTEIRO, 1980 [1907]: 108). Refira-se, no entanto, que este autor publica também no referido artigo a «análise completa de um fragmento de talha» de que não chegou até nós o documento original. A análise das amostras ditas do «Marão (Amarante)» são publicadas por Rocha Peixoto no seu artigo sobre «Sobrevivência da primitiva roda de oleiro em Portugal» (PEIXOTO, 1995B [1905]: 179-180). A análise das amostras de Prado são publicadas por Rocha Peixoto no seu artigo sobre as «As olarias de Prado» (PEIXOTO, 1995 [1900]: 97-99).

20. Num artigo assinado por João Barreira também se dá conta da predilecção de Xavier Pinheiro pela «cerâmica popular portuguesa»: «A Revista tem hoje a registar a morte de Alfredo Xavier Pinheiro um dos cinco primitivos sócios fundadores da Sociedade Carlos Ribeiro. Não só pelos trabalhos iniciados em matéria etnológica, para os quais já tinha reunido os mais interessantes e pitorescos documentos, em curiosidades arqueológicas que iniciara num trabalho começado sobre os pelourinhos em Portugal, mas também e sobretudo pelas suas qualidades superiores de artista, a morte do nosso amigo representa para a nossa agremiação uma perda incalculável. Um dos trabalhos mais interessantes e mais pitorescos de Xavier Pinheiro, que a revista tencionava publicar em breve, cheio de ilustrações originais de forma variadíssima, era um estudo sobre a cerâmica popular portuguesa para o qual ele já tinha reunido os documentos mais curiosos de linha, em que as pequenas ânforas de uma elegância tão finamente artística, os bonecos das nossas romarias do Minho e arredores do Porto, na sua atitude bizarra de manipansos, os objectos de uso comum, vasos de ornato, animais e santos, davam pelas suas variantes, a nota mais interessante e de mais-valia sobre a orientação estética do nosso povo. E Xavier Pinheiro possuía a rara perspicácia de um observador, descobrindo numa curva de asa, num bojo de uma bilha, no contorno geral de um vaso, a nota íntima da filiação dos tipos que em lugares diversos e em momentos vários de civilização, vinham constituindo o laço de parentesco dos diferentes grupos cerâmicos. (...)» (BARREIRA, 1889: 95).

17. Informação facultada pelo Dr. Manuel Costa da Biblioteca Municipal Rocha Peixoto.

18. Charles Lepierre agradece «a todas as pessoas que me honraram com a sua valiosa colaboração» (...) «eis a lista dos meus obsequiosos colaboradores: «Rocha Peixoto, professor na Escola industrial Infante D. Henrique, no Porto, e abalizado naturalista» (LEPIERRE, 1912 [1899]: 6). E, quando trata da loiça de Prado transcreve o excerto de um texto «do meu querido amigo Rocha Peixoto» (LEPIERRE, 1912 [1899]: 32-33). Rocha Peixoto, faz a recensão crítica deste estudo de Charles Lepierre na Revista Portugalia, tomo I, fasc. 2.º. Porto, 25 de Agosto de 1900. P. 430 (PEIXOTO, 1975 [1900]: 531-533).

«Essa perda [morte de Xavier Pinheiro] cujo valor só nós conhecíamos através dos documentos que ele reuniu para o projecto duma carta arqueológica, para *monografias sobre cerâmica popular*, sobre vários costumes, sobre os pelourinhos de Portugal» (PEIXOTO, 1975 [1898]: 364).

Xavier Pinheiro morre em 1889 e, o primeiro artigo assinado por Rocha Peixoto relativo à cerâmica, neste caso à cerâmica caldense, data de 1891.

Também pode ter sentido o gosto de conhecer e estudar a olaria mais pormenorizadamente por influência do pedido que lhe foi feito por Charles Lepierre, na década de 1890²¹. De facto, este autor solicita a Rocha Peixoto informações sobre as olarias de Prado e pede-lhe para recolher amostras do barro utilizado pelos oleiros, vindo a usar essas informações no seu trabalho sobre «Cerâmica portuguesa moderna» (LEPIERRE, 1912 [1899]: 6).

Seja por vontade própria, seja por influência de Xavier Pinheiro ou de Charles Lepierre, o certo é que, em 1899, Rocha Peixoto publica o seu primeiro estudo de fundo sobre um centro olário português – «As olarias de Prado».

De seguida iremos analisar os textos de Rocha Peixoto que versam a cerâmica enumerando-os por ordem cronológica de publicação.

3. TEXTOS DE ROCHA PEIXOTO QUE REFEREM A CERÂMICA

Entre os anos de 1891 e 1908 Rocha Peixoto publicou diversos textos versando a temática cerâmica. Nuns textos faz

21. Charles Lepierre inicia o estudo da cerâmica portuguesa moderna «nos fins de 1892», quando recebeu da «afamada Manufacture Nationale de Sèvres, perto de Paris, um pedido do eminente conservador das preciosas colecções deste estabelecimento, sr. Edouard Garnier, em que me comunicava a vantagem que haveria em reunir uma colecção dos actuais produtos das diversas fábricas portuguesas» (LEPIERRE, 1912 [1899]: 3).

a recensão de obras vindas a lume sobre cerâmica, noutros aborda as olarias e os oleiros portugueses. Os seus artigos serão seguidamente analisados por ordem ascendente de data de publicação.

1891. Rocha Peixoto – Faiança das Caldas. Boletim do Ateneu Comercial do Porto. 1 (1891). P. 45-50.

[Texto reproduzido, com algumas modificações, acréscimos e pequenos cortes, no Jornal «O Primeiro de Janeiro». Porto, 26 de Maio de 1893, P. 1; publicado de novo na reunião das suas obras levada a cabo pelo seu melhor biógrafo, Flávio Gonçalves. Veja-se Obras. Vol. 2. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1972. P. 250-255].

Neste texto Rocha Peixoto lastima o encerramento próximo da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, criada por Rafael Bordalo Pinheiro, enaltecendo a qualidade dos seus produtos e o seu «carácter acentuadamente nacional». O autor lastima que os poderes públicos prestem pouca atenção ao ensino profissional, afirmando que a Fábrica das Caldas era um bom exemplo de uma parceria entre uma empresa e uma escola.

Sabemos, através de um dos seus textos, que Rocha Peixoto esteve nas Caldas da Rainha, em data indeterminada, e que conheceu Rafael Bordalo Pinheiro:

«Aludirei agora às excursões científicas do grupo. (...) Concedemo-nos etapas na Batalha, nas Caldas da Rainha, em Mafra (...) Rematou esta longa viagem em Lisboa, durante uns dias, com visitas lentas aos museus, adoçados pela tarde com a companhia de Rafael Bordalo nos jantares do Silva, Tavares e Leão de Oiro!» (PEIXOTO, 1975 [1898]: 358).

1891. [Recensão bibliográfica]. Rocha Peixoto – A fábrica das Caldas da Rainha, de Ramalho Ortigão. Revista de Portugal. 4: 20 (Janeiro de 1891). P. 254-256

[Publicado de novo em Obras. Vol. 3. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1975. P. 475-477].

Quando se anunciava o fecho da fábrica de faiança das

Caldas da Rainha, criada por Rafael Bordalo Pinheiro, vários são os intelectuais portugueses que saem a terreiro em defesa da sua manutenção. Um desses autores foi Ramalho Ortigão, de cujo artigo Rocha Peixoto faz a respectiva recensão bibliográfica.

1894. Rocha Peixoto – Faianças. O Primeiro de Janeiro. Porto. 22 de Maio de 1894. P. 1.

[Texto reproduzido na Revista «O Tripeiro». Porto. 5.ª série. 6 (Janeiro de 1951). P. 197-198; o texto original foi também publicado por Pedro Vitorino – Os museus de Arte do Porto: notas históricas. Coimbra, 1930. P. 158-164; publicado de novo em Obras. Vol. 2. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1972. P. 73-76].

Na senda de António Arroio, também Rocha Peixoto lamenta que a colecção de faiança de Guerra Junqueiro, composta por «setecentas peças», tenha sido vendida a particulares, pois dada a sua qualidade deveria manter-se «num estabelecimento público».

1899. [Recensão bibliográfica]. Rocha Peixoto – Estudo químico e tecnológico sobre a cerâmica portuguesa moderna, de Charles Lepierre. Portugalia. 1: 2 (25 de Agosto de 1900). P. 430.

[Texto publicado de novo em Obras. Vol. 3. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1975. P. 531-533].

Considera o estudo de Charles Lepierre «um substancial e criterioso depoimento químico-industrial que enobrece quem o subscreve e marca, na nossa literatura tecnológica, uma etapa de viva e válida acentuação laboradora». Lembremos que foi Rocha Peixoto quem facultou a Charles Lepierre os dados sobre as olarias de Prado que este autor inclui na sua obra (LEPIERRE, 1912 [1899]: 6 e 32-33).

Nesta recensão Rocha Peixoto aproveita para referir algumas das olarias cujas técnicas de fabrico conhece: Lordele e Bisalhães (Vila Real), Chaves, Bragança, Lamego, Tábua (Coimbra), Gôve (Baião), Coimbrões (Gaia), Ílhavo, Guimarães, Nisa, Alfarelos e Estremoz.

1900. Rocha Peixoto – Indústrias populares: as olarias de Prado. Portugalia. 1: 2 (25 de Agosto de 1900). P. 227-270.

[O texto está datado de «Porto, Outubro, 1899». Em 1900 fez-se separata deste artigo. Em 1966 foi reeditado pelo Museu Regional de Cerâmica, de Barcelos. Inserido também em Rocha Peixoto – Etnografia Portuguesa: obra etnográfica completa. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1995].

Este é o estudo mais profundo de Rocha Peixoto sobre um tema olárico. Estudou uma área vasta, incluindo freguesias dos actuais concelhos de Barcelos, Vila Verde e Braga, abarcando produções diferentes: loiça preta, vermelha fosca, vidrada e ainda a estatuária, que hoje designamos por figurado. Buscou entender as raízes históricas da produção neste local; procurou similitudes formais com peças arqueológicas de fora de Portugal; analisou as técnicas de fabrico, desde a extracção do barro até à cozedura, passando pela análise das formas e da «ornamentação», e, foi mais longe ainda investigando a área da comercialização desta loiça e observando também o conspecto social dos oleiros. O artigo é profusamente ilustrado com três fotografias – duas de uma olaria em Francelos, na freguesia de Prado, concelho de Vila Verde, e outra da feira de Arcos de Valdevez –, bem como com dezenas de desenhos de loiça preta, vermelha fosca, vidrada e figurado. É uma notável obra de síntese ainda hoje de leitura obrigatória a quem se dedica ao estudo da olaria portuguesa e, mais concretamente, da olaria de Barcelos.

1900. Rocha Peixoto – Louças Nacionais. O Primeiro de Janeiro. Porto. 2 de Junho de 1900. P. 1.

[Publicado de novo em Obras. Vol. 2. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1972. P. 513-517].

Afirma o autor que:

«Não há concelho em Portugal onde não se fabrique, sequer, a louça rústica; não há tipo de cerâmica, da negra e porosa à faiança fina e à porcelana, da humílissima montanhesa à decorativa e artística, da destinada aos usos caseiros e agrícolas à produzida para toda a necessidade arquitectónica, que,

mais ou menos, se não represente na manufactura nacional; a bem dizer não há longo trato de solo no país onde não afluja jazida de barro, ou seja apenas aproveitável para as louças de pasta branda ou para a faiança de primeira escolha. Simplesmente nós não conhecemos as argilas que possuímos!»

Refere o desconhecimento científico dos barros existentes em Portugal; fala da beleza da olaria rústica e do figurado cuja qualidade demonstra «a indigência quando o oleiro se volve em coroplasta e iconógrafo da fauna e flora locais, dos tipos e dos costumes populares ou hagiógrafo das suas lendas e do seu cristianismo paganizado, são maravilha como reminiscências de civilizações transcorridas»; desmerece da qualidade decorativa da faiança popular; refere a qualidade das peças de «olaria aldeã» e os seus processos de cozedura; cita e elogia a obra de Charles Lepierre sobre as olarias portuguesas e o importante trabalho de análise dos barros portugueses realizado por este autor; salienta o baixo rendimento auferido pelos oleiros devido a um excesso de usura; volta a referir, como em texto anterior, a necessidade de os oleiros terem formação técnica e elogia alguns dos estudiosos que se dedicaram à investigação cerâmica.

1900. Rocha Peixoto – A indústria cerâmica. A indústria portuguesa. 2: 56 (28 de Julho de 1900). P. 265-266; 2: 58 (11 de Agosto de 1900). Porto. P. 280-281.

[Publicado de novo em Obras. Vol. 2. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1972. P. 518-522].

Começa por referir a exposição de cerâmica portuguesa organizada no Palácio de Cristal por Joaquim de Vasconcelos e na qual foi visível a variedade de cerâmica produzida em Portugal. Salienta que os oleiros continuam a utilizar técnicas ancestrais na execução das peças e que as novas técnicas, se bem que ainda rudimentares, já «acusam acentuados progressos sobre aqueles artefactos». Mas o autor receia que o progresso em vez de trazer benefícios à olaria popular possa causar «o desvairamento indisciplinado que o conduz a imitações deploráveis e porventura à bastardia das formas que aprende-

ra». No seu entender mais do que cuidar da estética das peças de olaria usadas nas aldeias, e que mais ou menos se mantêm inalteráveis, dever-se-ia era cuidar dos «que produzem a faiança esmaltada popular e até a loiça fina», afirmando que é para eles «que deve convergir o esforço de propaganda, ensinando o público a saber escolher e reclamar, e obrigando o industrial à melhoria dos seus artefactos, ou seja nos processos técnicos ou, mais do que neles, na estética dos seus produtos».

Define as causas para «a subalternidade do nosso fabrico»: desconhecimento da qualidade e modo de preparação das argilas; má cozedura; maus vidrados; má decoração; má imitação de produtos estrangeiros; exiguidade do preço de venda. Como qualidades que podem ajudar na evolução da produção cerâmica aponta: a qualidade da matéria-prima; a qualidade dos operários e um mercado interno seguro. Reafirmando a necessidade de os operários receberem formação técnica adequada. Termina voltando a referir a importância da obra publicada por Charles Lepierre.

1901. Rocha Peixoto – A indústria cerâmica em Portugal. In Catálogo da exposição de cerâmica promovida pelo Instituto Portuense de Estudos e conferências efectuada no Palácio de Cristal a 19 de Março de 1901. Porto: Tipografia Universal, a vapor, 1901. P. 3-10.

[Publicado de novo em Obras. Vol. 2. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1972. P. 523-529].

Flávio Gonçalves chama a atenção para o facto de que «os nove primeiros parágrafos desta Introdução reproduzem, com ligeiras alterações formais, o início do ensaio ‘A Indústria cerâmica’, publicado por Rocha Peixoto, em 1900». Ver recensão no artigo anterior.

No final deste texto Rocha Peixoto cita o artigo de Joaquim de Vasconcelos, no qual este autor enumera a qualidade do trabalho desenvolvido por Rafael Bordalo Pinheiro nas Caldas da Rainha. Rocha Peixoto termina especificando outros autores que escrevem sobre cerâmica e desejando que se continuem a organizar exposições como a promovida pelo Instituto Portuense de Estudos e Conferências.

1901. Rocha Peixoto – Uma iconografia popular em azulejos. Portugalia. 1: 3 (30 de Setembro de 1901). P. 585-590.

[O texto está datado de «Porto, Outubro, 1900». Em 1900 fez-se separata deste artigo. Também publicado com cortes e alterações no jornal «O Primeiro de Janeiro», de 20 de Março de 1902. P. 2. Inserido também em Rocha Peixoto – Etnografia Portuguesa: obra etnográfica completa. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1995. P. 133-140].

Traça em linhas muito gerais a história da azulejaria e de-tém-se a analisar o azulejo figurado holandês que chega a Portugal a partir do século XVII e que, segundo ele, influencia a produção nacional. Aborda de seguida a temática do azulejo figurado português, dando como exemplo os azulejos da igreja de S. Bento, nos Arcos de Valdevez. Também comenta os grandes painéis azulejares com motivos hagiográficos, históricos e outros, que se encontram um pouco por todo o País.

Este artigo é ilustrado com desenhos de oito azulejos de figura avulsa existentes na Igreja de S. Bento, nos Arcos de Valdevez.

1902. Guia do Museu Municipal do Porto. Porto: Tipografia Central, 1902.

O Guia do Museu Municipal do Porto foi escrito por Joaquim de Vasconcelos e Rocha Peixoto, sendo da autoria deste último os textos das secções de Arqueologia (GUIA, 1902: VI a XXIV) e Etnografia (GUIA, 1902: XXV a XXXIX), bem como alguns dos documentos colocados em anexo (GUIA, 1902: 121 a 123; 125-126 e 127 a 136).

Na parte respeitante à arqueologia são referidas cerâmicas e fragmentos de cerâmicas arqueológicas.

1905. [Recensão bibliográfica]. Rocha Peixoto – Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal, de D. Carolina Michaelis de Vasconcelos. Portugalia. 2: 2 (12 de Maio de 1906). P. 297-298.

[Publicado de novo em Obras. Vol. 3. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1972. P. 579-580].

O autor considera que «esta monografia é, no seu cons-

pecto especial, uma das mais sugestivas e notáveis contribuições que hoje conta a escassa literatura ceramográfica portuguesa».

1905. Rocha Peixoto – Etnografia portuguesa: iluminação popular. Portugalia. 2: 1 (15 de Julho de 1905). P. 35-48.

[O texto está datado de «Porto, Agosto, 1902». Em 1905 fez-se separata deste artigo. Inserido também em Rocha Peixoto – Etnografia Portuguesa: obra etnográfica completa. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1995. P. 166-178].

Traça a produção e uso do fogo desde tempos primevos e o quadro de superstições e crenças que rodeiam o seu uso. Só nos debruçaremos sobre os contentores de barro – candeias – referidas neste texto de Rocha Peixoto e cujos desenhos ele reproduz. Das quatro candeias que ilustram o texto, três integram a colecção do Museu de Etnologia do Porto e História do Porto (MEHP), depositada actualmente no Museu de Olaria, em Barcelos.

Uma das candeias desenhada (Fig. 4) é originária do Convento de Santa Clara do Porto existindo no MEHP mais quatro provenientes do mesmo convento. Sobre estas candeias²² comenta o autor:

«Uma missão oficial neste convento extinto deu ensejo ao A. de observar algumas dessas lucernas de barro vermelho e fosco, com evidentes sinais de numerosas combustões. Por antigas serventuárias da instituição houve a notícia referida; e não obstante a deterioração de quase todos os exemplares logrou separar alguns que actualmente se encontram no Museu Municipal do Porto (...)» (PEIXOTO, 1995A [1905]: 171, nota 4).

As outras duas candeias eram provenientes: uma, de Tomar (Fig. 5); a outra, de «uso privativo de adegas e lagares» (Fig. 3) do Baixo Alentejo e do Algarve (Lagos), muito provavelmente fabricada nas olarias de Serpa e designada por M.

22. N.º Inv. das peças citadas: CMP 73-241; 7724 e, mais recente, MEHP 11554 a 11557 e 11563 e 11564.

Dias Nunes como «lâmparina de lagar» (NUNES, 1900: 168 e ilust. p. 165).

É importante referir que um desenho da candeia proveniente de Tomar faz parte do espólio de Manuel Monteiro pertencente actualmente à Biblioteca Pública de Braga (NUNES; FERNANDES, 1998: 24: fig. 48).

1905. Rocha Peixoto – Sobrevivência da primitiva roda de oleiro em Portugal. Portugalia. 2: 1 (15 de Julho de 1905). P. 74-78.

[O texto está datado de «Porto, Maio, 1903». Em 1905 fez-se separata deste artigo. Inserido também em Rocha Peixoto – Etnografia Portuguesa: obra etnográfica completa. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1995. P. 179-184)].

Neste texto Rocha Peixoto aborda o processo de fabrico da loiça preta usado pelos «paneiros» do concelho de Amarante, freguesia de Gondar (lugares de Vila Seca e Corujeira, da freguesia de Gondar) e de Baião (lugar de Lordelo, freguesia de Ancede, e lugar de Paredes, freguesia de Gove).

Tal como no artigo sobre as olarias de Prado, também aqui o autor analisa todo o processo de fabrico, desde a extracção do barro até à venda da loiça, dando também indicações sobre o modo como se impermeabilizam as peças antes de se usarem.

Este texto tem a especificidade de incluir o desenho de três utensílios essenciais no fabrico deste tipo de loiça – o «pico» com que se pia ou pica o barro; a «pia», onde se pia ou pica o barro e a «roda» baixa onde se torneiam as peças.

É importante referir que dois desenhos deste «pia» e um desenho do pico fazem parte do espólio de Manuel Monteiro pertencente actualmente à Biblioteca Pública de Braga (NUNES; FERNANDES, 1998: 17: fig. 31 e 32).

1906. Rocha Peixoto – Uma ornamentação cerâmica actual de carácter arcaico. Portugalia. 2: 2 (12 de Maio de 1906). P. 270-272.

[Em 1906 fez-se separata deste artigo. Inserido também em Rocha Peixoto – Etnografia Portuguesa: obra etnográfica

completa. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1995. P. 217-221)].

Aborda a produção de loiça vermelha fosca no lugar da Cruz de Pedra, na cidade de Guimarães. Tal como no estudo dos anteriores centros olários sobre os quais escreveu também aqui analisa a produção da loiça desde a extracção do barro até à sua comercialização. Mas, no caso da olaria vimaranense detém-se a descrever uma técnica específica – a utilização de mica na decoração das paredes de alguns cântaros.

O artigo é ilustrado com uma cantarinha decorada com mica.

1907. [Recensão bibliográfica]. Rocha Peixoto – Cerâmica Portuguesa, de José Queirós. Portugalia. 2: 3 (16 de Julho de 1907). P. 484-489.

[Publicado de novo em Obras. Vol. 3. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1972. P. 583-593. Est. XIII].

Trata-se de uma extensa recensão bibliográfica feita por Rocha Peixoto à obra de José Queirós. Começa por elogiar o referido estudo considerando-o uma «nova contribuição para a ceramografia nacional, enriquecendo-a com bastantes materiais inéditos de pormenor e com numerosas e excelentes reproduções gráficas», apontando-lhe no entanto algumas lacunas. Termina concluindo que «o Sr. José Queirós praticou, com desusada coragem, e abnegação, uma acção meritória e nobilíssima. E o seu lindo livro, pela condensação duma grande parte do adquirido, pelo informe inédito e pelo subsídio iconológico, fica sendo indispensável nos gabinetes de todos os amadores».

Esta recensão bibliográfica está ilustrada com três pratos de faiança, um azulejo de padrão e quatro painéis de azulejo. Os pratos e os azulejos das gravuras 5 e 6 pertencem actualmente às colecções do Museu Municipal da Póvoa de Varzim. O prato N.º 2 pertencia à colecção particular de Rocha Peixoto, sendo por ele considerado «de fabrico perfeito, esmalte lácteo, brilhante, suave e muito unido, marcado I e do século XVIII». Na verdade, não se trata de um prato do século XVIII, mas sim da primeira metade do séc. XIX, sendo a marca «I» atribuída por vários autores à fábrica da Afurada (Gaia, Porto).



8. **Azeiteiro.** Foz Côa. Séc. XIX, último decénio – Séc. XX, primeiro decénio. Museu Nogueira da Silva. Arq. Fotográfico de Rocha Peixoto (N.º 246). Repare-se que o jovem azeiteiro transporta um cântaro de folha e outro de barro. Provavelmente trata-se de um cântaro das olarias de Santa Comba ou do Barreiro.



5. **Poço de Barcelos.** Séc. XIX, último decénio – Séc. XX, primeiro decénio. Museu Nogueira da Silva. Arq. Fotográfico de Rocha Peixoto (N.º 8). Museu Nogueira da Silva. Repare-se que no chão junto ao poço estão peças das olarias de Barcelos. Uma infusa, um alguidar com o fundo virado para cima e um outro alguidar cuja forma não se produz actualmente.

1908. Rocha Peixoto – Os pucareiros de Ossela. Portugal. 2: 4 (7 de Setembro de 1908). P. 653.

[Texto inserido em Rocha Peixoto – Etnografia Portuguesa: obra etnográfica completa. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1995. P. 315-316].

Dá a conhecer a loiça preta produzida pelos pucareiros de Ossela. Na altura em que o autor estuda este centro já só subsistiam dois pucareiros, um a trabalhar no lugar do Mosteiro, na referida freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis, e o outro deslocado daí e a produzir no lugar de Barbeita, na freguesia de Castelões do concelho de Macieira de Cambra. Os processos de fabrico são rudimentares e semelhantes aos utilizados pelos oleiros de Baião e Amarante apesar de a loiça aqui ser mais aperfeiçoada, sendo uso brunir as peças com um seixo.

4. A DISPERSÃO DO LEGADO DE ROCHA PEIXOTO: PEÇAS CERÂMICAS QUE CONHECEU OU ADQUIRIU, O SEU ESPÓLIO FOTOGRÁFICO E DE DESENHOS

Ao longo deste texto fomos chamando a atenção para a importância conferida por Rocha Peixoto à fotografia e ao desenho. Parte do seu espólio gráfico chegou aos nossos dias, existindo ainda várias dezenas de negativos de vidro e de desenhos, alguns dos quais referentes a olarias e peças cerâmicas, e que podem ser consultados em bibliotecas portuguesas.

Iremos ter também oportunidade de verificar que muitos desses desenhos correspondem a peças que ainda hoje se encontram em colecções existentes em museus portugueses.

Actualmente quer o espólio documental e de peças que pertencia a Rocha Peixoto quer o que ele teve a oportunidade de consultar e estudar encontra-se actualmente disperso por diferentes locais. De seguida enumeramos as instituições onde se encontram quer peças que Rocha Peixoto conheceu e/ou adquiriu quer fotografias e desenhos que lhe pertenceram.

4.1 Museu Industrial e Comercial do Porto (MICP): uma colecção «itinerante»

Joaquim de Vasconcelos é o grande mentor da exposição cerâmica que se realiza no Palácio de Cristal, em 1882, e na qual se expõem peças dos principais centros cerâmicos existentes no País (VASCONCELOS, 1884 [1883]). As colecções então reunidas passam, mais tarde, a integrar, o Museu Industrial e Comercial do Porto criado por Decreto-Lei em 24 de Dezembro de 1883, sendo seu director Joaquim de Vasconcelos²³.

Este museu e o seu congénere lisboeta têm vida curta, sendo ambos extintos por decreto em 1899. Mesmo depois da extinção, as colecções entretanto reunidas, entre as quais se contava a de cerâmica, permanecem numa ala do Palácio de Cristal, continuando a ter como seu responsável Joaquim de Vasconcelos. No final da década de 1920 as peças ainda aí se encontram tendo depois dessa data sido transferidas para vários espaços do Porto. A colecção de cerâmica foi instalada no Palacete Braguinha, local onde funcionara o Instituto Superior do Comércio. Em 1937 o edifício é entregue pelo Instituto Comercial do Porto à Escola de Belas Artes do Porto com excepção da «sala da frente do 2.º andar, onde se encontravam ainda objectos de uma exposição de etnografia, cedidos pelo Ministério da Educação à Faculdade de Ciência do Porto» (CARDOSO, 1997: 11).

Em 1938 a colecção de cerâmica do MICP, que como acima referimos tem a sua origem na exposição de Cerâmica realizada no Palácio de Cristal em 1882, deixa o Palacete Braguinha, já então sede da Escola de Belas Artes do Porto, e dá entrada nas colecções da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, tendo sido elaborada uma relação das peças entregues²⁴.

23. Com este texto sobre o Museu Industrial e Comercial do Porto apenas pretendemos dar conta das «andanças» da colecção de cerâmica que aí existia por diferentes instituições. Quem pretender saber mais sobre Joaquim de Vasconcelos e o nascimento e extinção do MICP deve consultar, por exemplo, vários artigos publicados em «O Tripeiro», principalmente nos números de Fevereiro a Março de 1949. Veja-se também o artigo de Hernâni Monteiro (MONTEIRO, 1953). Agradeço à Dr.ª Margarida Rebelo Correia, do Museu Nacional de Soares dos Reis que me facultou esta bibliografia.

24. A Dr.ª Maria José Cunha, do Museu de História Natural da Universidade do Porto

Em 1950 estas peças transitam das instalações da Universidade para o Museu de Etnografia e História do Douro Litoral (MEHP), em regime de depósito²⁵. Aí se mantêm até ao encerramento deste Museu na década de 80 do século XX.

Por volta de 1997 as peças cerâmicas que integravam as colecções do MEHDL transitam para o Museu de Olaria onde presentemente se encontram a ser estudadas²⁶. Findo o seu estudo a colecção voltará para a Universidade do Porto. Como se pode verificar tem sido atribulada a vida desta peças cerâmicas as quais constituem sem dúvida, a mais antiga colecção de olaria portuguesa.

Rocha Peixoto teve acesso ao acervo cerâmico do MICP tendo feito fotografia de algumas peças. A partir destas fotografias fez desenhos, provavelmente com o intuito de os vir a publicar nos seus estudos. Actualmente parte deste espólio gráfico encontra-se no Museu Nogueira da Silva (fotografias) e na Biblioteca Pública de Braga (desenhos). Fotografias e desenhos fazem parte do acervo da Biblioteca de Manuel Monteiro, primo de Rocha Peixoto, a qual foi adquirida pela Biblioteca Pública de Braga.

4.2 Museu Municipal do Porto (MMP)

Rocha Peixoto dirige o Museu Municipal do Porto entre 1900 e 1909, data do seu falecimento. Durante o período em que se mantém à frente desta instituição adquire várias peças cerâmicas, tendo ele próprio oferecido ao Museu umas quantas.

Existe no Museu Nacional de Soares dos Reis uma «Cópia do Caderno Manuscrito existente no Museu e que foi feito pelo antigo conservador Sr. Eleutério Cerdeira [Setembro de

1919]». Esta «cópia» (datada de 1938) refere as aquisições ou doações cerâmicas realizadas por Rocha Peixoto no período em que dirigiu o Museu²⁷. No conjunto dos objectos inventariados há diversas peças de olaria. Refira-se que parte destas peças cerâmicas deram mais tarde entrada nas colecções do Museu de Etnologia do Porto e História do Porto. Outras duas encontram-se depositadas no Museu Nacional de Soares dos Reis. Das restantes desconhece-se o paradeiro.

4.3 Museu de História Natural / Universidade do Porto (MHN)

Já acima referimos que pertencem ao Museu de História Natural da Universidade do Porto, anteriormente designado «Museu de Antropologia da Universidade do Porto», as colecções de cerâmica que se preservaram do extinto Museu Industrial e Comercial do Porto²⁸.

Actualmente estas peças encontram-se depositadas no Museu de Olaria e estão a ser objecto de investigação, tendo em vista a realização de uma exposição e de um catálogo. Terminado este projecto a colecção cerâmica volta para o Museu de História Natural, a quem pertence.

Refira-se que as peças deste museu têm actualmente o N.º de Inventário que lhes foi dado no MEHP, e será essa a referência que vai aparecer ao longo deste texto quando citarmos o acervo do MHN.

4.4 Museu de Etnografia e História do Douro Litoral / Museu de Etnologia do Porto²⁹ (MEHP)

teve a gentileza de me ceder cópia de um documento dactilografado, datado de 27 de Julho de 1938 e intitulado «Relação dos objectos etnográficos que pertenceram ao antigo Museu Industrial e Comercial e depois ao Instituto Superior do Comércio do Porto, que foram escolhidos para o Museu Antropológico da Universidade do Porto». Nessa relação constam as peças, entre as quais as de cerâmica, que se encontravam «no edifício da escola de Belas Artes». A ela o nosso sincero agradecimento.

25. Existe ainda o «auto de depósito de algumas colecções do Museu de Antropologia da Universidade do Porto no Museu de Etnografia e História do Douro Litoral», datado de 5 de Maio de 1950.

26. A 15 de Janeiro de 1998, em Reunião Extraordinária, a Câmara Municipal de Barcelos aceitou a guarda desta colecção.

27. «R.P.C. / ARQUIVO / CÓPIA - Museu Municipal do Porto / Documento N.º 5 com 42 páginas / Assunto: «Cerâmica» / «Aquisição sob o auspício do antigo conservador do Museu, Rocha Peixoto» / Inventário N.º 2 / Setembro de 1919. Observações: Cópia do Caderno Manuscrito existente no Museu e que foi feito pelo antigo conservador Sr. Eleutério Cerdeira / Notas especiais: Serve esta cópia do documento citado, para os trabalhos de buscas quanto ao recheio do Museu Municipal, na organização do INVENTÁRIO – GERAL (1938-1939). A cópia foi dactilografada pelo Auxiliar assalariado Sr. Carlos Miranda. / Data: Setembro de 1938 / Ass.: P[rinto] do C[outo]».

28. Veja-se ponto 4.1 deste estudo.

29. Em 1989, o Museu de Etnografia e História do Douro Litoral deixa de ser tutelado pela Assembleia Distrital do Porto e passa para a tutela do IPPC: Instituto Português do Património Cultural. Nessa altura passa a designar-se Museu de Etnologia do Porto. Agradeço ao Dr. Paulo Ferreira da Costa, do IMC que me facultou estas informações.

Às colecções deste museu foram parar o grosso das peças cerâmicas oferecidas por Rocha Peixoto ao Museu Municipal do Porto, na primeira década do século XX, e que correspondem a centros oláricos por ele estudados.

Tal como já referimos também as peças cerâmicas que pertenciam ao Museu Industrial e Comercial do Porto e que mais tarde transitaram para a Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, se encontravam depositadas neste museu.

Quando o Museu foi encerrado, em 1992, ambas as colecções acima referidas, a do Museu Municipal do Porto e a da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto / antigo Museu de Antropologia actual Museu de História Natural, foram depositadas no Museu de Olaria.

4.5 Museu de Olaria (MO)

Como atrás vai referido encontram-se actualmente em depósito no Museu de Olaria, quer as colecções cerâmicas que pertencem à Câmara Municipal do Porto, e que estavam em depósito no Museu de Etnografia e História do Douro Litoral / Museu de Etnologia do Porto, quer as que pertencem a este museu (MEHP), quer as que pertencem ao Museu de Antropologia hoje designado Museu de História Natural / Universidade do Porto.

4.6 Museu Nacional de Soares dos Reis (MNSR)

No Museu Nacional de Soares dos Reis encontram-se em depósito duas vasilhas cerâmicas que pertencem ao Museu Municipal do Porto. Trata-se de peças de loiça vidrada de Loulé oferecidas por Rocha Peixoto ao referido museu, nos primeiros anos do século XX³⁰.

4.7 Biblioteca Pública de Braga / Biblioteca Manuel Monteiro (BPB/BMM)

Manuel Monteiro era primo de Rocha Peixoto e, na sua juventude, acompanhou este último em diversas excursões científicas pelo norte de Portugal.

Rocha Peixoto considerava seu primo Manuel Monteiro o seu herdeiro científico tendo-lhe deixado o conjunto de negativos de vidro que foi realizando bem como alguns desenhos de peças sobre as quais se debruçou.

Quando a Biblioteca Pública de Braga adquiriu a biblioteca de Manuel Monteiro, no conjunto do espólio adquirido vinha o arquivo de negativos de vidro e um conjunto de desenhos de objectos, entre os quais desenhos de peças cerâmicas. Actualmente o arquivo de negativos encontra-se depositado no Museu Nogueira da Silva, mantendo-se na Biblioteca Pública de Braga os desenhos de peças bem como alguns apontamentos manuscritos, em folhas soltas.

4.8 Museu Nogueira da Silva (MNS)

Como atrás referimos, os negativos de vidro que pertenciam a Rocha Peixoto, e actualmente integram a biblioteca de Manuel Monteiro (adquirida pela Biblioteca Pública de Braga), encontram-se depositados no Museu Nogueira da Silva. Ambas as instituições pertencem à Universidade do Minho.

4.9 Biblioteca Municipal Rocha Peixoto (BMRP)

Também na Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, na Póvoa de Varzim, se encontram quer desenhos que pertenciam a Rocha Peixoto e que representam peças cerâmicas quer apontamentos seus referentes à olaria.

5. AS OLARIAS ESTUDADAS POR ROCHA PEIXOTO: TEXTOS, DESENHOS, FOTOGRAFIAS E PEÇAS

Para se perceber a dimensão nacional do conhecimento de Rocha Peixoto sobre a cerâmica portuguesa (mais concretamente sobre a olaria) iremos referir neste capítulo as olarias por ele estudadas dando a conhecer o conjunto de dados que o autor nos deixou sobre cada uma delas – textos, fotografias, desenhos e peças.

Infelizmente, Rocha Peixoto morre novo, mas percebe-se

³⁰. Veja-se ponto 4.2 deste estudo.

pelo âmbito da sua análise que a olaria era um campo a que contava dedicar-se.

Rocha Peixoto conhecia a cerâmica produzida em solo nacional, principalmente as «olarias populares». De facto, ao longo da sua obra refere vários centros oláricos de norte a sul do País, os quais decidimos assinalar em tabela (**Anexo 1**) e em mapa (**Anexo 2**).

Se analisarmos os textos editados por Rocha Peixoto sobre cerâmica verificamos que:

- Estudou em pormenor as olarias dos seguintes locais: Barcelos (na época designado Prado); Gondar (Amarante); Gove e Ancede (Baião); Ossela (Oliveira de Azeméis); Castelões (Macieira de Cambra) e Guimarães;
- Menciona também as olarias existentes em: Alfarelos; Alijó; Amares; Amieiro; Angeja; Aradas; Aveiro; Bisalhães e Lordelo; Calvelhe; Caminha; Castelões; Coimbra; Coimbrões; Estremoz; Feira; Gaia; Lagos; Lamego; Lisboa; Loulé; Mafra; Miranda do Corvo, Mirandela; Molelos; Nisa; Ovar; Pinela; Porto; Prado; Quintãs; S. Pedro de Paus; Santarém; Sendim; Serpa; Soalhães; Tábuia; Telhado; Tomar; Torre de Moncorvo; Vagos; Viana do Castelo; Vila Pouca de Aguiar e Vilar de Nantes;
- Refere as faianças produzidas em: Darque; Devesas; Afurada e Caldas da Rainha;
- Alude à porcelana produzida na Vista Alegre.

Muito provavelmente Rocha Peixoto jornadeou por estas olarias e fábricas cerâmicas pensando vir a escrever sobre elas. Não sabemos se as percorreu a todas, mas seguramente que esteve naquelas que estudou mais a fundo – Barcelos (na época designado Prado), Gondar (Amarante), Gove (Baião), Ossela (Oliveira de Azeméis), Castelões (Macieira de Cambra) e Guimarães.

Sabemos também que deve ter estado na feira de Oliveirinha em Aveiro, pois descreve a loiça que lá se encontrava à venda numa data precisa – Outubro de 1898 (PEIXOTO, 1995 [1900]: 126).

Alguns das olarias por ele estudadas localizam-se em locais a que de algum modo Rocha Peixoto se encontrava ligado. Por exemplo, estuda as olarias de Baião (Ancede e Gove), concelho no qual se situava a casa de uma das suas irmãs e na qual costumava ficar sempre que fazia trabalho de campo naquela área³¹ (PEIXOTO, 1966: 129). Quanto às olarias de Ossela sabemos que aí se situava um castro pelo qual Rocha Peixoto se interessou³².

De facto é visível que quando se deslocava a um local Rocha Peixoto procurava estudar mais do que um aspecto do povo português, recolhendo informações para vários dos seus estudos no campo da etnografia.

De seguida debruçar-nos-emos sobre as olarias, fábricas cerâmicas ou locais de que nos legou peças cerâmicas, desenhos ou fotografias. Estas serão analisadas por distritos, começando-se de Norte para sul: Braga (Prado e Guimarães), Vila Real (Bisalhães e Lordelo), Bragança (Calvelhe, Pinela, Mirandela e Sendim de Miranda), Porto (Ancede, Gondar e Porto), Viseu (Molelos), Aveiro (Aradas e Ovar), Coimbra (Miranda do Corvo e Candosa), Santarém (Tomar e Santarém), Lisboa (Lisboa), Portalegre (Nisa), Beja (Moura e Serpa), Faro (Lagos e Loulé).

5.1 Distrito de Braga

5.1.1 Barcelos/Prado (Barcelos, Vila Verde, Braga).

Prado foi concelho, abolido em 1855, englobando várias freguesias onde se trabalhava o barro, as quais, depois da extinção são distribuídas pelos concelhos de Vila Verde, Braga e Barcelos mas passando a maior parte delas para este último concelho.

Tipo de loiça produzida: Preta, vermelha, vidrada e figurado.

Referido por Rocha Peixoto em: (PEIXOTO, 1995 [1900]:

31. Ver nota N.º 13 deste artigo.

32. De facto, em carta de Bento Carqueja para Alberto Sampaio aquele informa que «na primeira destas povoações [Ossela], tenho combinado com o Rocha Peixoto uma exploração larga, com excursão, que deverá revelar coisas interessantes, além das que já conheço» (CARTAS, 2008 [1907]: 42-43).



51. **Olaria de loiça vidrada em S. Tiago de Francelos.** Lugar da freguesia de Prado, concelho de Vila Verde. Séc. XIX, último decénio. Museu Nogueira da Silva. Arq. Fotográfico de Rocha Peixoto (N.º 51). Rocha Peixoto publicou esta fotografia no seu artigo sobre as olarias de Prado (PEIXOTO, 1995 [1900], est. V, 2).



52. **Olaria de loiça vidrada em S. Tiago de Francelos** (Lugar da freguesia de Prado, concelho de Vila Verde, Braga). Séc. XIX, último decénio. Museu Nogueira da Silva. Arq. Fotográfico de Rocha Peixoto (N.º 52). Rocha Peixoto publicou esta fotografia no seu artigo sobre as olarias de Prado (PEIXOTO, 1995 [1900], est. V, 1).



50. **Olaria de loiça fina em Cervainhos** (Cervães, Vila Verde, Braga). Séc. XIX, último decénio. Museu Nogueira da Silva. Arq. Fotográfico de Rocha Peixoto (N.º 50). Esta fotografia não é publicada por Rocha Peixoto, mas muito provavelmente documenta o fabrico da «loiça fina de Prado» a que este autor alude no seu estudo sobre as olarias de Prado (PEIXOTO, 1995 [1900], 103).

89-132; 1995A [1905]: 171, Est. XXVIII, N.º 2; 1972 [1900]: 515; 1972 [1901]: 525).

Fotografias: O texto publicado por Rocha Peixoto sobre as olarias de Prado é ilustrado com duas fotografias de uma olaria em S. Tiago de Francelos, local da freguesia de Prado, Santa Maria, no concelho de Vila Verde (PEIXOTO, 1995 [1900], est. V, N.º 1 e 2). Os originais, em chapa de vidro, encontram-se no Museu Nogueira da Silva (MNS. Arquivo Rocha Peixoto, N.º 51 e 52).

Também de Prado, mas não publicada pelo autor, é a fotografia N.º 50 que deve representar a olaria de loiça fina existente em Cervães e que Rocha Peixoto refere no seu artigo (PEIXOTO, 1995 [1900]: 103). Neste mesmo texto Rocha Peixoto insere um desenho da «feira da loiça em Arcos de Valdevez» que deve ter sido feito a partir de uma fotografia. De facto, no Museu Nogueira da Silva existem três fotografias desta feira (MNS. Arquivo Rocha Peixoto, N.º 3, 20, 21 e 22). Também aí se encontram duas fotografias com peças de Prado que integravam a colecção do Museu Industrial e Comercial do Porto: uma com dois regadores de loiça vermelha fosca (N.º 259) e outra com quatro peças (N.º 253) – três garrafas, sendo duas antropomórficas e um «poço» vidrado com quatro asas. Todas as peças representadas nas fotografias foram desenhadas por Rocha Peixoto (NUNES; FERNANDES, 1998: 15-16, N.º 24 a 29), tendo chegado até nós apenas um dos regadores (N.º de Inv. 11189/5065).

Peças: No inventário parcial da colecção cerâmica do Museu Municipal do Porto, adquirida por Rocha Peixoto, consta «Louça de Prado / 20. Paliteiro em forma de ermida / 21. Paliteiro / 22. Assobio» (CERÂMICA, 1938 [1919]: 38, N.º Inv. 20 a 22). Pelo menos duas destas peças, a N.º 20 e a N.º 21, foram posteriormente depositadas no Museu de Etnologia do Porto e História do Porto, encontrando-se actualmente no Museu de Olaria (N.ºs de Inv 11380/6130 e 11660/6095). Ainda possuem uma etiqueta dizendo, respectivamente, «Olaria de / Prado / 1908» e «Olaria de / Prado / 1907». No entanto, a peça N.º 21 aparece reproduzida no artigo de Rocha Peixoto sobre «As olarias de Prado» (PEIXOTO, 1995 [1900]: 89-132; Est. XI, N.º



3. **Feira de Arcos de Valdevez.** Séc. XIX, último decénio. Museu Nogueira da Silva. Arq. Fotográfico de Rocha Peixoto (N.º 3). Repare-se no cântaro que a jovem vendedora de limonada leva à cabeça.



259. **Regadores de barro fosco.** Séc. XIX, último decénio – Séc. XX, primeiro decénio. Loija vermelha fosca de Barcelos. Museu Nogueira da Silva. Arq. Fotográfico de Rocha Peixoto (N.º 259). Estas duas peças integravam a colecção cerâmica do Museu Industrial e Comercial do Porto e foram aí fotografadas por Rocha Peixoto. Uma destas peças integra actualmente o acervo do Museu de História Natural da Universidade do Porto.



21. **Feira da loiça em Arcos de Valdevez.** Séc. XIX, último decénio. Museu Nogueira da Silva. Arq. Fotográfico de Rocha Peixoto (N.º 22). Repare-se no estendal da loiça.



253. **Garrafas antropomórficas, poço e garrafa.** Loiça vidrada de Barcelos. Séc. XIX, último decénio – Séc. XX, primeiro decénio. Museu Nogueira da Silva. Arq. Fotográfico de Rocha Peixoto (N.º 253). Estas duas peças integravam a colecção cerâmica do Museu Industrial e Comercial do Porto e foram aí fotografadas por Rocha Peixoto.



22. **Feira da loiça em Arcos de Valdevez.** Séc. XIX, último decénio. Museu Nogueira da Silva. Arq. Fotográfico de Rocha Peixoto (N.º 21). Repare-se na mulher que transporta à cabeça um açafate e que na mão leva um belo cântaro.

71); o que comprova que deve ter sido adquirida à volta de 1899 data em que o artigo é escrito. O ano de 1907 indicado na etiqueta deve referir-se à data em que Rocha Peixoto a doou ao Museu Municipal do Porto.

Chegaram até aos nossos dias peças de Prado que pertenciam às colecções do Museu Industrial e Comercial do Porto, e que hoje integram a colecção do Museu de História Natural (Universidade do Porto), tendo estado vários anos em depósito no Museu de Etnologia do Porto (N.ºs de Inv. 11361, 11363, 11389, 11189, 11391, 11392, 11530, 84.08.299 e 84.08.341). Uma destas peças, um regador, foi desenhada por Rocha Peixoto (N.º Inv. 11189).

Desenhos: O texto publicado por Rocha Peixoto sobre as olarias de Prado é ilustrado com desenhos de vinte peças de loiça vidrada (Est. VI, N.º 3 a 19; VII, N.º 38 a 40); doze de loiça vermelha fosca (Est. VII, N.º 20 a 31); cinco de loiça preta (Est. VII, N.º 3 a 19); quarenta e nove desenhos de figurado (Est. IX, N.º 41 a 54; Est. X, N.º 55 a 64; Est. XI, N.º 65 a 73; Est. XII, N.º 74 a 80; Est. XIII, N.º 81 a 91); quatro desenhos de instrumentos musicais em barro (Est. XIII, N.º 89 a 93) e uma ilustração da feira da loiça em Arcos de Valdevez (Est. XIV, N.º 94).

Os desenhos inseridos no texto «Olarias de Prado» são da autoria de Aurélia de Sousa (Est. VI, IX a XIV) e de Sofia de Sousa (Est. VIII e IX) (PEIXOTO, 1995: 383-384).

Na biblioteca de Manuel Monteiro (Biblioteca Pública de Braga), encontram-se desenhos de sete peças de Prado – poço, garrafa com tampa, taifor ou terrina, garrafa, regador, assador de castanhas e almotolia (NUNES; FERNANDES, 1998: 15-16, N.º 24 a 30). Infelizmente deste conjunto de peças só o regador chegou até nós (N.º de Inv. 11189/5065).

5.1.2 Guimarães (Braga)

Tipo de loiça produzida: Vermelha

Referido por Rocha Peixoto em: (PEIXOTO, 1995 [1906]: 217-221; 1995 [1900]: 94-95, 123; 1972 [1900]: 514; 1972 [1901]: 525).

Desenhos: O artigo publicado por Rocha Peixoto sobre a olaria em Guimarães é ilustrado com o desenho da cantarinha das prendas de Guimarães (PEIXOTO, 1995 [1906]: 219). No inventário parcial, dactilografado, da colecção cerâmica do Museu Municipal do Porto, adquirida por Rocha Peixoto, e que deu entrada cerca de 1908-1909, consta uma «pequena talha com ornamentações de mica, com testo e púcaro coberto» (CERÂMICA, 1938 [1919]: 38, N.º Inv. 28). Infelizmente não sabemos onde pára esta cantarinha das prendas, designada no inventário como «talha».

5.2 Distrito de Vila Real

5.2.1 Mondrões, lugar de Bisalhães, e Lordelo (Vila Real, Vila Real)

Tipo de loiça produzida: Preta

Referido por Rocha Peixoto em: (PEIXOTO, 1995 [1900]: 123-124; 1995B [1905]: 182-183; 1972 [1900]: 514; 1972 [1901]: 525).

Peças: No inventário parcial da colecção cerâmica adquirida por Rocha Peixoto para o Museu Municipal do Porto e que deu entrada cerca de 1908-1909, consta «Loucinha de Bisalhães, Vila Real / 38. Colecção de 11 pucarinhos que se vendem pelo S. Pedro» (CERÂMICA, 1938 [1919]: 38, N.º Inv. 38). Infelizmente não chegou até nós nenhuma desta loucinha.

5.3 Distrito de Bragança

5.3.1 Calvelhe (Bragança, Bragança)

Tipo de loiça produzida: Preta

Referido por Rocha Peixoto em: (PEIXOTO, 1995 [1900]: 123; 1995A [1905]: 183; 1972 [1901]: 525).

Fotografias: No Museu Nogueira da Silva encontra-se uma fotografia (MNS. Arquivo Rocha Peixoto, N.º 254) com três peças de Calvelhe que na época integravam as colecções do Museu Industrial e Comercial do Porto.



14. *Loiça preta de Calvelhe e jarra de loiça vermelha de Pinela (Bragança, Bragança). Séc. XIX, último decénio – Séc. XX, primeiro decénio. Museu Nogueira da Silva. Arq. Fotográfico de Rocha Peixoto (N.º 254). Estas peças integravam a colecção cerâmica do Museu Industrial e Comercial do Porto e foram aí fotografadas por Rocha Peixoto. Actualmente pertencem ao Museu de História Natural da Universidade do Porto. N.º Inv. MEHP 11500/4513, 11486/4518 e 11493/4501.*



260. **Loja vermelha fosca de Pinela** (Bragança, Bragança). Séc. XIX, último decénio – Séc. XX, primeiro decénio. Museu Nogueira da Silva. Arq. Fotográfico de Rocha Peixoto (N.º 260). Estas peças integravam a colecção cerâmica do Museu Industrial e Comercial do Porto e foram aí fotografadas por Rocha Peixoto. Uma destas peças, o cântaro (N.º de Inv. MEHP 11120/5053), integra actualmente o acervo do Museu de História Natural da Universidade do Porto. Quanto às outras desconhece-se o seu paradeiro.

Peças: As três peças acima referidas ainda hoje integram a colecção do Museu de História Natural (Universidade do Porto). A saber: púcara (N.º Inv. 11500/4513 ou 11501/4514 ou 11502/4515), pichorra (N.º Inv. 11486/4518) e terrina (N.º Inv. 11493/ 4501).

Desenhos: Na Biblioteca Pública de Braga, encontra-se os desenhos das três peças acima referidas (NUNES; FERNANDES, 1998: 10-11, N.º 7 a 9).

5.3.2 Pinela (Bragança, Bragança)

Tipo de loja produzida: Vermelha

Referido por Rocha Peixoto em: (PEIXOTO, 1995 [1900]: 123; 1995B [1905]: 183).

Fotografias: No Museu Nogueira da Silva encontram-se duas fotografias (MNS. Arquivo Rocha Peixoto, N.º 254 e 260) com peças de Pinela as quais na época integravam as colecções do Museu Industrial e Comercial do Porto.

Peças: Duas das peças acima referidas ainda hoje integram a colecção do Museu de História Natural (Universidade do Porto). A saber: um cântaro (N.º 11120/5053) e uma jarra (N.º 11158/5041).

Desenhos: Na Biblioteca Pública de Braga, encontra-se o desenho de todas as peças que constam na fotografia bem como de um cântaro que não chegou aos nossos dias (NUNES; FERNANDES, 1998: 8, N.º 1 e 6).

Actualmente apenas duas destas peças, – o cântaro (N.º 11120/5053) e a jarra (N.º Inv. 11158/5041) –, integram o espólio do Museu de História Natural (Universidade do Porto).

5.3.3 Mirandela (Mirandela, Bragança)

Tipo de loja produzida: Vermelha

Referido por Rocha Peixoto em: (PEIXOTO, 1995 [1900]: 123-124; 1972 [1900]: 514; 1972 [1901]: 525).

Fotografias: No Museu Nogueira da Silva existem duas fotografias (MNS. Arquivo Rocha Peixoto, N.º 255 e 258) documentando dez peças de Mirandela que na época integravam as colecções do Museu Industrial e Comercial do Porto.

Peças: Treze peças de Mirandela, entre as quais as acima referidas, ainda hoje integram a colecção do Museu de His-



255. **Loja vermelha fosca de Mirandela** (Mirandela, Bragança). Séc. XIX, último decénio – Séc. XX, primeiro decénio. Museu Nogueira da Silva. Arq. Fotográfico de Rocha Peixoto (N.º 255). Estas peças integravam a colecção cerâmica do Museu Industrial e Comercial do Porto e foram aí fotografadas por Rocha Peixoto. Actualmente pertencem ao Museu de História Natural da Universidade do Porto.



258. **Loja vermelha fosca de Mirandela** (Mirandela, Bragança). Séc. XIX, último decénio – Séc. XX, primeiro decénio. Museu Nogueira da Silva. Arq. Fotográfico de Rocha Peixoto (N.º 258). Estas peças integravam a colecção cerâmica do Museu Industrial e Comercial do Porto e foram aí fotografadas por Rocha Peixoto. Actualmente pertencem ao Museu de História Natural da Universidade do Porto.

tória Natural (Universidade do Porto). A saber: pote de três pernas (N.º Inv. 11209 (2) e 11961 (2)), requeijoeira (N.º Inv. 11220/5009 ou 11313/5010), moril (N.º Inv. 11159/5060 e 11160/5061), taça (N.º Inv. 11164/[5018]), cantarinha de segredo (N.º Inv. 11153/4974), jarra (N.º Inv. 11156/7983), cantarinha de segredo (N.º Inv. 11149/4976), alcatruz de nora (N.º Inv. 11166), talha (N.º Inv. 11277/4996) e cântaro (N.º Inv. 11117/5000).

Desenhos: Na Biblioteca Pública de Braga, existem os desenhos de onze das peças acima referidas – requeijoeira (N.º Inv. 11220/5009 ou 11313/5010), moril (N.º Inv. 11159/5060), moril (N.º Inv. 11160/5061), taça (N.º Inv. 11163/5020 ou 11164/[5018]), cantarinha de segredo (N.º Inv. 11153/4974 ou 11148/4975), cantarinha de segredo (N.º Inv. 11154/4973), cantarinha de segredo (N.º Inv. 11149/4976), jarra (N.º Inv. 11156/4983 ou 11157/4984), talha (N.º Inv. 11277/4996), cântaro (N.º Inv. 11117/5000 ou 11118/5000), alcatruz de nora (N.º Inv. 11166), taça (N.º Inv. 11225 ou 11226/5023), púcara com tampa (não sei se esta peça existe! Confirmar (NUNES; FERNANDES, 1998: 8 e 12-13, N.º 5 e 6, 12 a 23).

5.3.4 Miranda do Douro (Miranda do Douro, Bragança)

Tipo de loiça produzida: Vermelha

Desenhos: Na Biblioteca Pública de Braga, encontra-se o desenho de uma peça de Miranda – pichorra (NUNES; FERNANDES, 1998: 10, N.º 11. Ver tb N.º 12, pormenor).

5.3.5 Sendim de Miranda (Miranda do Douro, Bragança)

Tipo de loiça produzida: Vermelha

Desenhos: Na Biblioteca Pública de Braga, encontra-se o desenho de uma peça de Sendim de Miranda – barril (NUNES; FERNANDES, 1998: 10, N.º 10).

5.4 Distrito de Porto

5.4.1 Ancede, lugar de Lordelo (Baião, Porto)

Tipo de loiça produzida: Preta

Referido por Rocha Peixoto em: (PEIXOTO, 1995B [1905]: 179-184; 1995 [1900]: 123, 124, 125; 1972 [1901]: 525).

Fotografias: O texto publicado por Rocha Peixoto sobre

as olarias dos concelhos de Amarante (Gondar) e Baião (Ancede e Gove) é ilustrado com duas fotografias, sendo uma de um oleiro de Lordelo, freguesia de Ancede (Baião) a trabalhar na roda baixa (PEIXOTO, 1995B [1905]: 179-184, est. XXXIV, N.º 4). A fotografia original em chapa de vidro encontra-se no Museu Nogueira da Silva (MNS. Arquivo Rocha Peixoto, N.º 66).

Desenhos: No espólio da Biblioteca Municipal Rocha Pei-



66. *Oleiro de Lordelo a trabalhar à roda. Ancede (Baião, Porto). Ca. 1905. Museu Nogueira da Silva. Arq. Fotográfico de Rocha Peixoto (N.º 66). Rocha Peixoto utiliza esta fotografia no seu texto sobre «Sobrevivência da primitiva roda de oleiro em Portugal» (PEIXOTO, 1995 [1905]: 179-184, est. XXXIV, N.º 4).*

xoto, na Póvoa de Varzim, existem desenhos de dez peças de Lordelo (Ancede, Baião) – duas «caçoilas», três «púcaros», três «caçarolas» e duas «panelas». Os desenhos estão datados respectivamente dos dias 2, 3, 6 e 7 de Setembro de 1898.

5.4.2 Gondar, lugares de Vila Seca e Corujeira (Amarante, Porto)

Tipo de loiça produzida: Preta

Referido por Rocha Peixoto em: (PEIXOTO, 1995B [1905]: 179-184; 1995 [1900]: 95, 123).

Fotografias: O artigo publicado por Rocha Peixoto sobre as olarias dos concelhos de Amarante (Gondar) e Baião (Ancede e Gove) é ilustrado com duas fotografias, sendo uma

delas de uma soenga em Vila Seca, Gondar (PEIXOTO, 1995B [1905]: 179-184, est. XXXIV, N.º 5). Infelizmente desconhece-se o paradeiro desta fotografia.

No Museu Nogueira da Silva encontra-se um negativo de vidro com a fotografia de uma casa de oleiro em Gondar e outra com um oleiro a trabalhar à roda (MNS. Arquivo Rocha Peixoto. N.º 174 e 175).



174. **Casa de oleiro em Gondar** (Amarante, Porto). Ca 1903. Museu Nogueira da Silva. Arq. Fotográfico de Rocha Peixoto (N.º 174). Manuel Monteiro publica o desenho desta casa num artigo no jornal «O Primeiro de Janeiro» (MONTEIRO, 1903). Rocha Peixoto utiliza esta fotografia no seu texto sobre «A Casa Portuguesa» (PEIXOTO, 1995 [1905], XX).



175. **Oleiro de Gondar a trabalhar à roda** (Amarante, Porto). Ca 1903. Museu Nogueira da Silva. Arq. Fotográfico de Rocha Peixoto (N.º 175). Manuel Monteiro publica o desenho deste oleiro a trabalhar à roda num artigo no jornal «O Primeiro de Janeiro» (MONTEIRO, 1903). Rocha Peixoto utiliza esta fotografia, em 1905, no seu texto sobre «A Casa Portuguesa» (PEIXOTO, 1995B [1905], XX).

Desenhos: Manuel Monteiro, num conjunto de artigos que publica no Jornal «O Primeiro de Janeiro» insere o desenho de uma casa de oleiro e de um oleiro a trabalhar à roda (MONTEIRO, 1903). Estes desenhos foram feitos a partir dos negativos atrás referidos.

A ilustrar o artigo de Rocha Peixoto sobre a «sobrevivência da primitiva roda de oleiro em Portugal» aparecem três desenhos de utensílios de trabalho dos oleiros de Vila Seca, em Gondar: o pico, a pia e a roda, sendo as ilustrações da autoria de José de Pinho (PEIXOTO, 1995B [1905]: 179-184, est. XXIV, N.º 1 a 3).

Dois outros desenhos desse mesmo pio e pico (NUNES; FERNANDES, 1998: 17, N.º 31-32) encontram-se actualmente na biblioteca de Manuel Monteiro (Biblioteca Pública de Braga).

5.4.3 Porto (Porto)

Tipo de loiça produzida: Vermelha

Peças: No inventário parcial da colecção cerâmica adquirida por Rocha Peixoto para o Museu Municipal do Porto consta «Louça do Porto / 36. Tigelinha» (CERÂMICA, 1938 [1919]: 38, N.º Inv. 36). Esta peça foi posteriormente depositada no Museu de Etnologia do Porto, encontrando-se actualmente em depósito no Museu de Olaria. Tem o N.º de Inventário 11308/6108 e ainda mantém o número de inventário primitivo – N.º «36».

5.4.4 Convento de Santa Clara (Porto, Porto)

Tipo de loiça: Vermelha

Referido por Rocha Peixoto em: (PEIXOTO, 1995A [1905]: 171, Est. XXVIII, N.º 4).

Peças: Neste caso trata-se de um local de uso e não de produção de olaria. De facto, existem seis tigelinhas de iluminação provenientes do extinto convento de Santa Clara, no Porto, e que Rocha Peixoto conseguiu recolher durante uma visita: «Uma missão oficial neste convento extinto deu ensejo ao A. de observar algumas dessas lucernas de barro vermelho e fosco, com evidentes sinais de numerosas combustões. Por antigas serventuárias da instituição houve a notícia referida; e

não obstante a deterioração de quase todos os exemplares logrou separar alguns que actualmente se encontram no Museu Municipal do Porto» (PEIXOTO, 1995A [1905]: 171, nota 4).

Uma das tigelinhas tem escrito a tinta preta, na parede externa da luminária, os dizeres «Santa Clara, 1900».

Estas peças deram entrada na colecção do Museu Municipal do Porto, e foram posteriormente depositadas no Museu de Etnologia do Porto, encontrando-se actualmente no Museu de Olaria (N.º de Inv. 11554, 11555, 11556, 11557, 11633, 11634).

Desenhos: O desenho de uma dessas tigelinhas de iluminação é publicado por Rocha Peixoto no seu texto sobre «iluminação popular», sendo a ilustração da autoria de Clotilde da Rocha Peixoto (PEIXOTO, 1995A [1905]: 171, Est. XXVIII, N.º 4).

No espólio de Rocha Peixoto existem vários desenhos de uma tigelinha de iluminação que ele encontrou no Museu Comercial e Industrial do Porto (NUNES; FERNANDES, 1998: 17, N.º 48-49).

5.5 Distrito de Viseu

5.5.1 Molelos (Tondela, Viseu)

Tipo de loiça produzida: Preta

Referido por Rocha Peixoto em: (PEIXOTO, 1995: 95, 123, 125, 126; 1995 [1908]: 316; 1972 [1900]: 514; 1972 [1901]: 525).

Peças: No inventário parcial da colecção cerâmica adquirida por Rocha Peixoto para o Museu Municipal do Porto e que deu entrada em 1908, consta «Louça de Tondela / 35. Pequeno vaso com tampa» (CERÂMICA, 1938 [1919]: 38, N.º Inv. 35). Ainda possui uma etiqueta com os dizeres manuscritos «Olaria de / Molelos (Tondela) / 1908». Esta peça foi posteriormente depositada no Museu de Etnologia do Porto, encontrando-se actualmente em depósito no Museu de Olaria. Tem o N.º de Inventário 11489 (2) / 6078.

Desenhos: Na biblioteca de Manuel Monteiro (Biblioteca Pública de Braga) encontra-se o desenho de um recipiente com tampa de Molelos (NUNES; FERNANDES, 1998: 23, N.º 47).

5.6 Distrito de Aveiro

5.6.1 Aradas (Aveiro, Aveiro)

Tipo de loiça produzida: Preta

Referida por Rocha Peixoto em: PEIXOTO, 1995 [1900]: 94-95; 121, 122, 123, 124, 125; 1972 [1901]: 525.

Fotografias: No Museu Nogueira da Silva encontra-se uma fotografia (MNS. Arquivo Rocha Peixoto, N.º 256) documentando cinco peças de Aradas.



256. **Loiça preta de Aradas** (Aveiro, Aveiro). Séc. XIX, último decénio – Séc. XX, primeiro decénio. Museu Nogueira da Silva. Arq. Fotográfico de Rocha Peixoto (N.º 256). Estas peças integravam a colecção cerâmica do Museu Industrial e Comercial do Porto e foram aí fotografadas por Rocha Peixoto. Actualmente pertencem ao Museu de História Natural da Universidade do Porto.

Peças: Uma das peças acima referidas ainda hoje integra a colecção do Museu de História Natural (Universidade do Porto). A saber: bule (N.º Inv. 11506/4523).

Desenhos: Na biblioteca de Manuel Monteiro (Biblioteca Pública de Braga) encontram-se os desenhos das cinco peças documentadas na fotografia acima referida – fogareiro, púcaro de duas asas, chocolateira, bule e moringa. Estes desenhos pertenciam a Rocha Peixoto (NUNES; FERNANDES, 1998: 20-21, N.º 39 a 43).

5.6.2 Ovar (Ovar, Aveiro)

Tipo de loiça produzida: Vermelha

Referido por Rocha Peixoto em: (PEIXOTO, 1995 [1900]: 120, 123, 124, 125).

Fotografias: No Museu Nogueira da Silva encontra-se uma fotografia (MNS. Arquivo Rocha Peixoto, N.º 257) documentando seis peças de Ovar que na época integravam as colecções do Museu Industrial e Comercial do Porto.



257. **Loija vermelha de Ovar** (Ovar, Aveiro). Séc. XIX, último decénio – Séc. XX, primeiro decénio. Museu Nogueira da Silva. Arq. Fotográfico de Rocha Peixoto (N.º 257). Estas peças integravam a colecção cerâmica do Museu Industrial e Comercial do Porto e foram aí fotografadas por Rocha Peixoto. Actualmente pertencem ao Museu de História Natural da Universidade do Porto.

Peças: Quatro das peças acima referidas ainda hoje integram a colecção do Museu de História Natural (Universidade do Porto). A saber: bilha (N.º Inv. 11215/5055), bilha (N.º Inv. 84.04.473), jarra (N.º Inv. 11115/4988), burreto (N.º Inv. 11130/5048) (NUNES; FERNANDES, 1998: 18-19, N.º 33 a 38).

Desenhos: Na biblioteca de Manuel Monteiro (Biblioteca Pública de Braga) encontram-se desenhos das seis peças de Ovar documentadas na fotografia acima referida.

5.7 Distrito de Coimbra

5.7.1 Miranda do Corvo (Miranda do Corvo, Coimbra)

Tipo de loiça produzida: Vermelha

Referido por Rocha Peixoto em: (PEIXOTO, 1995 [1900]: 123, 124, 126; 1972 [1900]: 514; 1972 [1901]: 525).

Peças: No inventário parcial da colecção cerâmica adquirida por Rocha Peixoto para o Museu Municipal do Porto e que deu entrada em 1908 consta «Louça de Miranda do Corvo / 27. Pequena cântara com asa» (CERÂMICA, 1938 [1919]: 37, N.º Inv. 27). Ainda possui uma etiqueta com os dizeres manuscritos «Olaria / de Miranda do Corvo / 1908». Esta peça foi posteriormente depositada no Museu de Etnologia do Porto, encontrando-se actualmente em depósito no Museu de Olaria. Tem o N.º de Inventário 11199 /6060.

Desenhos: Na biblioteca de Manuel Monteiro (Biblioteca Pública de Braga), encontram-se três desenhos de peças de Miranda do Corvo – picheira, pote e moringa. Sabemos que dois desses desenhos (N.º 45 e 46) são da autoria de José de Pinho e foram publicados no artigo de Manuel Monteiro sobre estas olarias (MONTEIRO, 1980 [1907]: 103-113, Est. XXI; ver tb. NUNES; FERNANDES, 1998: 22, N.º 44 a 46).

5.7.2 Candosa (Tábua, Coimbra)

Tipo de loiça produzida: Vermelha e preta

Referido por Rocha Peixoto em: (PEIXOTO, 1995B [1905]: 183).

Peças: No inventário parcial da colecção cerâmica adquirida por Rocha Peixoto para o Museu Municipal do Porto consta «Louça de Coimbra (Tábua) / 34. Fogareirinho» (CERÂMICA, 1938 [1919]: 38, N.º Inv. 34). Esta miniatura foi posteriormente depositada no Museu de Etnologia do Porto, encontrando-se actualmente em depósito no Museu de Olaria (N.º de Inv. 11288/6110). Gravado na pasta da peça os dizeres «fugão para Alfaiate aquecer o ferro». Refira-se também que, provenientes do Museu Municipal do Porto, existem no Museu de Olaria mais vinte e oito miniaturas deste centro olárico. Não entendemos porque é que no inventário acima referido só aparece referido o fogareiro quando na verdade se trata de um conjunto de vinte e nove peças.

5.8 Distrito de Santarém

5.8.1 Tomar (Tomar, Santarém)

Tipo de loiça produzida: Vermelha e vidrada

Referido por Rocha Peixoto em: (PEIXOTO, 1995 [1905]: 172 e Est. XXVIII, N.º 5).

Peças: No inventário parcial da coleção cerâmica adquirida por Rocha Peixoto para o Museu Municipal do Porto consta «Louça de Tomar / 31. Lucerna / 32. Lucerna» (CERÂMICA, 1938 [1919]: 38, N.º Inv. 31 e 32). Estas peças foram posteriormente depositadas no Museu de Etnologia do Porto, encontrando-se apenas uma delas actualmente em depósito no Museu de Olaria (N.º de Inv. 11551/6070). No tardoz da peça, escrito a tinta, os dizeres: «Thomar / 1901».

Desenhos: Na biblioteca de Manuel Monteiro (Biblioteca Pública de Braga) encontra-se uma folha com vários desenhos de uma (?) lucerna e com a indicação manuscrita «Thomar» (NUNES; FERNANDES, 1998: 24, N.º 48).

O artigo publicado por Rocha Peixoto sobre «iluminação popular» também é ilustrado com o desenho de uma lucerna de Tomar, sendo a ilustração da autoria de Clotilde da Rocha Peixoto (PEIXOTO, 1995A [1905]: 171, Est. XXVIII, N.º 5).

5.8.2 Santarém (Santarém)

Tipo de loiça: Vermelha

Peças: No inventário parcial da coleção cerâmica adquirida por Rocha Peixoto para o Museu Municipal do Porto consta «Louça de Santarém / 23. Antiga medida / 24. Antiga medida / 25. Antiga medida / 26. Cachimbo encontrado no extinto convento de S. Domingos das Donas – Santarém» (CERÂMICA, 1938 [1919]: 38, N.º Inv. 23 a 26). Estas peças devem ter sido posteriormente depositadas no Museu de Etnologia do Porto. Mas a única que chegou até nós, e que se encontra actualmente em depósito no Museu de Olaria, foi o «cachimbo» (N.º de Inv. 11290/6128). Ainda mantém a etiqueta autocolante manuscrita a tinta com os dizeres: «Do / Ex[tint]to Conv[en]to de / S. Domingos das / Donas / Santarém / 1907».

5.9 Distrito de Lisboa

5.9.1 Lisboa

Tipo de loiça produzida: (?)

Referido por Rocha Peixoto em: (PEIXOTO, 1995 [1900]: 120).

Peças: No seu artigo sobre «As olarias de Prado» Rocha Peixoto refere que «os instrumentos músicos em olaria – trombetas, flautas, chocalhos, campainhas – tiveram e têm um fabrico, a bem dizer, universal, deparando-se-nos ainda na olaria portuguesa as campainhas de Ovar, os assobios de Estremoz e os rouxinóis que aparecem em Lisboa nas festas de Junho (...)» (PEIXOTO, 1995 [1900]: 120). Ora, no inventário parcial da coleção cerâmica do Museu Municipal do Porto, adquirida por Rocha Peixoto, consta «uma coleção de 12 assobios que se vendem nas festas de Santo António, em Lisboa» (CERÂMICA, 1938 [1919]: 38, N.º Inv. 37). Não chegou até nós nenhum destes assobios.

5.10 Distrito de Portalegre

5.10.1 Nisa (Nisa, Portalegre)

Tipo de loiça produzida: Vermelha

Referido por Rocha Peixoto em: (PEIXOTO, 1995 [1900]: 94-95; 1972 [1900]: 514; 1972 [1901]: 525).

Peças: No inventário parcial da coleção cerâmica adquirida por Rocha Peixoto para o Museu Municipal do Porto constam duas peças deste centro olárico: «Louça de Nisa / Barro vermelho apenas cozido / 18. Púcara pequena de barro vermelho com traços riscados em forma de fita cravejada de pequeninos fragmentos de feldspato. Alt. 100; 90 / 19. Púcara pequena de barro vermelho, idêntica ao anterior. Alt. 90; 80» (CERÂMICA, 1938 [1919]: 36-37, N.º Inv. 18 e 19). Estas peças ainda possuem etiquetas com os dizeres manuscritos «Nisa / 1909» e os números de inventário originais – N.º «18» e «19». Estas púcara foram posteriormente depositadas no Museu de Etnologia do Porto, encontrando-se actualmente em depósito no Museu de Olaria. Têm o N.º de Inventário, respectivamente de 11315/ 6092 e 11316/ 6093.

5.11 Distrito de Beja

5.11.1 Moura (Moura, Beja)

Tipo de loiça produzida: Vermelha

Peças: No inventário parcial da colecção cerâmica adquirida por Rocha Peixoto para o Museu Municipal do Porto, e que deu entrada cerca de 1908-1909, consta «Louça de Moura / 29. Lucerna» (CERÂMICA, 1938 [1919]: 38, N.º Inv. 29). Esta peça foi posteriormente depositada no Museu de Etnologia do Porto, encontrando-se actualmente em depósito no Museu de Olaria. Tem o N.º de Inventário 11553/[6074], e ainda mantém uma etiqueta rectangular impressa a azul, com o N.º também impresso, cortada a meio, sendo o texto ilegível. No tardo de uma etiqueta redonda esbizada com os dizeres manuscritos a tinta preta «Moura». Apesar de esta peça não ser aí referida veja-se PEIXOTO, 1995A [1905]: 166-178. Fig. 4.

5.11.2 Serpa (Serpa, Beja)

Tipo de loiça produzida: Vermelha

Referido por Rocha Peixoto em: (PEIXOTO, 1995A [1905]: 171, Est. XXVIII, N.º 3).

Peças: No inventário parcial da colecção cerâmica adquirida por Rocha Peixoto para o Museu Municipal do Porto consta «Louça de Serpa / 30. Lucerna» (CERÂMICA, 1938 [1919]: 38, N.º Inv. 30). Esta peça foi posteriormente depositada no Museu de Etnologia do Porto, encontrando-se actualmente em depósito no Museu de Olaria. Tem o N.º de Inventário 11552/6075, mas ainda mantém o número de inventário original – N.º «30».

Desenhos: O artigo publicado por Rocha Peixoto sobre «iluminação popular» é ilustrado com o desenho de uma lucerna de Serpa e Lagos, sendo a ilustração da autoria de Clotilde da Rocha Peixoto (PEIXOTO, 1995A [1905]: 171, Est. XXVIII, N.º 3). Na colecção do Museu Municipal do Porto existem, de facto, duas lucernas, uma de Serpa e outra de Lagos, o que distingue uma da outra é o facto de a de Serpa ser em loiça vermelha fosca e a de Lagos ser vidrada, quanto à forma é a mesma.

5.12 Distrito de Faro

5.12.1 Lagos (Lagos, Faro)

Tipo de loiça produzida: Vidrada

Referido por Rocha Peixoto em: (PEIXOTO, 1995A [1905]: 171, Est. XXVIII, N.º 3).

Peças: No inventário parcial da colecção cerâmica adquirida por Rocha Peixoto para o Museu Municipal do Porto, e que deu entrada em 1908, consta «Louça do Algarve (Lagos). 33. Lucerna» (CERÂMICA, 1938 [1919]: 38, N.º Inv. 33). Esta peça foi posteriormente depositada no Museu de Etnologia do Porto, encontrando-se actualmente em depósito no Museu de Olaria. Tem o N.º de Inventário 11550/6085, mas ainda mantém o número de inventário original – N.º «33». No tardo de a peça, escrito a tinta, os dizeres: «Lagos / Algarve / 1902». Rocha Peixoto refere-se às lucernas de Lagos (PEIXOTO, 1995A [1905]: 171, Est. XXVIII, N.º 3).

Desenhos: O artigo publicado por Rocha Peixoto sobre «iluminação popular» é ilustrado com o desenho de uma lucerna de Serpa e Lagos, sendo a ilustração da autoria de Clotilde da Rocha Peixoto (PEIXOTO, 1995A [1905]: 171, Est. XXVIII, N.º 3). Na colecção do Museu Municipal do Porto existem, de facto, duas lucernas, uma de Serpa e outra de Lagos, o que distingue uma da outra é o facto de a de Serpa ser em loiça vermelha fosca e a de Lagos ser vidrada, quanto à forma é a mesma.

5.12.2 Loulé (Loulé, Faro)

Tipo de loiça produzida: Vermelha e vidrada

Referido por Rocha Peixoto em: (PEIXOTO, 1972 [1900]: 514).

Peças: No inventário parcial da colecção cerâmica adquirida por Rocha Peixoto para o Museu Municipal do Porto, e que deu entrada em 1908, constam 17 peças vidradas de «Louça de Loulé (Novembro de 1908)» (CERÂMICA, 1938 [1919]: 38, N.º Inv. 1 a 17).

Duas destas peças encontram-se depositadas no Museu Nacional de Soares dos Reis – um alguidar e um pote com

asa, e que correspondiam aos N.º de Inventário antigo 8 e 9³³. Outras dez peças foram depositadas no Museu de Etnologia do Porto, encontrando-se actualmente em depósito no Museu de Olaria. Algumas destas peças ainda possuem etiqueta com os dizeres manuscritos «Loulé / 1908» e os números correspondentes ao inventário antigo acima referido: N.º 1 (N.º Inv. 11134/6065), 3 (N.º Inv. 11405/6066), 4 (N.º Inv. 11366/6069), 6 (N.º Inv. 11328/6062), 10 (N.º Inv. 11375/6054), 13 (N.º Inv. 11339(2)/6059), 14 (N.º Inv. 11385/[6051]), 15 (N.º Inv. 11386/[6050]) e 17 (N.º Inv. 11384/[6067])³⁴. Não se sabe o que possa ter sucedido às outras cinco peças enumerados no referido Inventário.

À laia de conclusão

Com este texto pretendeu-se dar a conhecer a estreita ligação de Rocha Peixoto ao estudo da cerâmica portuguesa. Analisou-se os seus campos de interesse no âmbito da cerâmica e o seu modo de investigação e de partilha dessa mesma investigação. Percorreu-se toda a sua obra ceramológica, enumerando-se os artigos por ele publicados. Noutro capítulo enumeraram-se as instituições onde se encontravam ou encontram peças cerâmicas que ele conheceu, adquiriu, analisou, fotografou, desenhou, estudou e publicou.

Com o decorrer dos anos as colecções por ele estudadas e/ou adquiridas (quer a colecção que pertencia ao Museu In-

dustrial e Comercial do Porto quer a que ele adquiriu para o Museu Municipal do Porto) dispersaram-se por diferentes instituições³⁵, indicando-se neste texto essas colecções e o seu paradeiro, bem como se dá a conhecer o notável espólio fotográfico e de desenhos que Rocha Peixoto possuía.

Por fim analisam-se os locais ou centros produtores que Rocha Peixoto de algum modo conheceu ou estudou, dispondo-os por distrito, começando pelo Norte do País e terminando no Sul. A intenção é que se fiquem a conhecer em pormenor os locais ou centros produtores que Rocha Peixoto estudou, o que escreveu sobre eles, que peças nos legou ou que peças estudou, que fotografias e desenhos possuía sobre esses locais ou centros produtores.

Apesar de se ter consultado todo o espólio de fotografias, desenhos e textos manuscritos de Rocha Peixoto, e de o mesmo ser referido ao longo deste artigo, optou-se, por razões de espaço, por só ilustrar com fotografias da sua autoria.

Refira-se que Rocha Peixoto é dos primeiros autores a estudar em pormenor alguns dos locais e centros produtores de olaria em Portugal e que pôde também recorrer à mais antiga colecção de olaria etnográfica existente em Portugal – a antiga colecção do Museu Industrial e Comercial do Porto (1882) – organizada sob os auspícios de Joaquim de Vasconcelos.

Esperamos deste modo fazer jus ao nome de um dos primeiros etnógrafos portugueses que soube olhar e amar a cerâmica portuguesa, essa cerâmica que levou André Jacquemart a dizer «Ce pays [Portugal] est en quelque sorte le nouveau monde de la céramique» (JACQUEMART, 1869: 248).

33. «8. Pote de pingue vidrado a verde; borda saliente. Alt. 180; Ø 180» e «9. Alguidar vidrado em amarelo com pintura embrincada a verde e amarelo tostado. Borda com friso e no fundo riscadas uma circunferência acompanhada exteriormente dum linha ondeada. Alt. 70; Ø 260». In CERÂMICA, 1938 [1919].

34. «1. Mealheiro em forma de bilha com asa. Argila grosseira. Alt. 133; Ø do bojo 120» (N.º Inv. 11134/6065); «3. Pequeno púcaro de barro vermelho. Alt. 95; Larg. do bojo 95» N.º Inv. 11405/6066); Tigela de barro vermelho vidrada a amarelo. Alt. 50; larg. máx. 125 (N.º Inv. 11366/6069); «6. Tacho ladeiro com duas asas; borda com friso; no centro riscadas uma circunferência acompanhada por uma linha ondeada. Alt. 50; larg. 230» (N.º Inv. 11328/6062); «10. Bacia com borda saliente e com friso, vidrada a amarelo com pintura de traços em ziguezague, alternadas, com cores verde e amarelo tostado, dividindo-a interiormente em gomos. Alt. 90; Ø 280 (N.º Inv. 11375/6054); «13. Terrina circular, moldada, com asas e tampa. Barro vermelho. O vidrado. O vidro [sic] interior é de cor amarela. Alt. 110; Ø 200» (N.º Inv. 11339 (2) / 6059); «14. Caneca com bico. Barro vermelho com pintura verde e amarelo. Alt. 160; Ø 80» (N.º Inv. 11385/[6051]); «15. Caneca com bico, semelhante à procedente. Alt. 145; Ø 85» (N.º Inv. 11386/[6050]); «17. Fogareiro de barro vermelho (brinquedo), com pintura amarela e verde. Alt. 150; Ø 85» (N.º Inv. 11384/[6067]). In CERÂMICA, 1938 [1919].

35. É, deste modo, notório o desinteresse das instituições culturais e museológicas portuguesas pela arte popular. Ao longo do século XIX e XX as colecções de etnografia da cidade do Porto, têm sido devotadas ao abandono e descuidada a sua preservação e estudo. Com este artigo, e um outro que contamos publicar brevemente no âmbito de um projecto apoiado pela Rede Portuguesa de Museus, fica-se a conhecer o paradeiro do que resta destas duas importantes colecções de cerâmica portuguesa etnocentista.

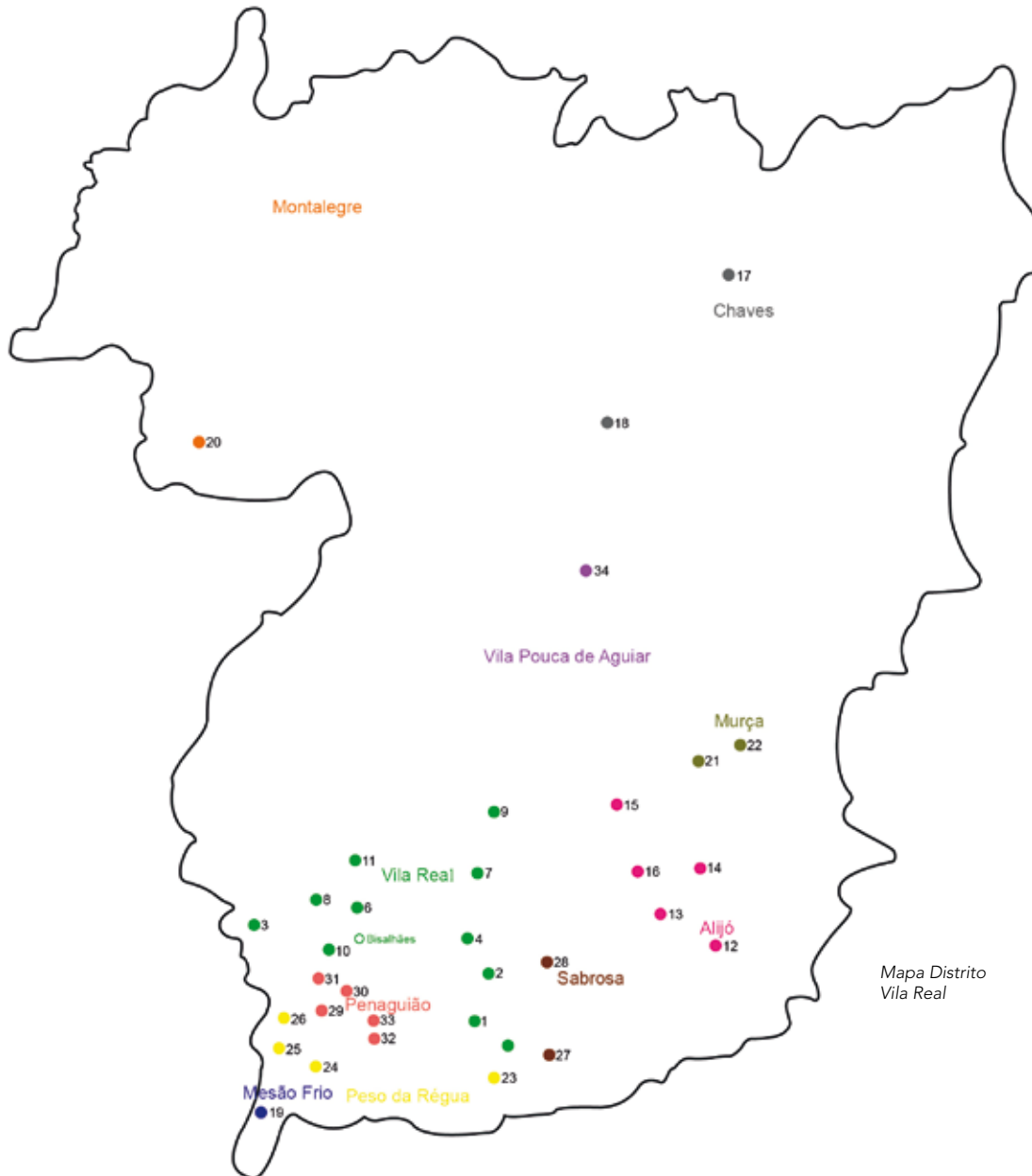
Anexo I
Locais de produção cerâmica referidos por Rocha Peixoto

Local de produção, freguesia	Distrito	Concelho	0. Olaria (sem especificação de tipo de loiça	1. Preta	2. Vermelha ³⁶	3. Vidrada	4. Falaça	5. Porcelana	Bibliografia
Angeja	Aveiro	Albergaria-a-Velha			•				(PEIXOTO, 1995 [1900]: 123, 126)
Aradas	Aveiro	Aveiro		•					(PEIXOTO, 1995 [1900]: 94-95; 121, 122,123, 124, 125; 1972 [1901]: 525)
Aveiro	Aveiro	Aveiro			•				(PEIXOTO, 1995 [1900]: 94-95; 121, 122,123, 124, 125)
Vista Alegre	Aveiro	Ílhavo						•	(PEIXOTO, 1995 [1900]: 121)
Feira	Aveiro	Feira	•						(PEIXOTO, 1995 [1900]: 123; 1972 [1900]: 515)
S. Pedro de Castelões	Aveiro	Vale de Cambra		•					(PEIXOTO, 1995 [1908]: 315)
Ossela	Aveiro	Oliveira de Azeméis		•					(PEIXOTO, 1995 [1908]: 315; 1995 [1900]: 123-124; PEIXOTO, 1995 [1900]: 95, 100, 123, 124)
Quintãs (Oliveirinha)	Aveiro	Aveiro		•					(PEIXOTO, 1995 [1900]: 126)
Ovar	Aveiro	Ovar			•				(PEIXOTO, 1995 [1900]: 120, 123, 124, 125)
Vagos	Aveiro	Vagos			•				(PEIXOTO, 1995 [1900]: 123)
Serpa	Beja	Serpa	•						(PEIXOTO, 1995A [1905]: 171)
Amares	Braga	Amares	•						(PEIXOTO, 1995 [1900]: 123)
Prado (concelho hoje extinto)	Braga	Barcelos, Vila Verde, Braga		•	•	•			(PEIXOTO, 1995 [1900]: 89-132; 1995A [1905]: 171, Est. XXVIII, N.º 2; 1972 [1900]: 515; 1972 [1901]: 525)
Guimarães	Braga	Guimarães			•				(PEIXOTO, 1995 [1906]: 217-221; 1995 [1900]: 94-95, 123; 1972 [1900]: 514; 1972 [1901]: 525)
Calvelhe	Bragança	Bragança		•					(PEIXOTO, 1995 [1900]: 123; 1995 [1905]: 183; 1972 [1901]: 525)
Pinela	Bragança	Bragança			•				(PEIXOTO, 1995 [1900]: 123; 1995B [1905]: 183)
Sendim	Bragança	Miranda do Douro			•				(PEIXOTO, 1995 [1900]: 123)
Mirandela	Bragança	Mirandela			•				(PEIXOTO, 1995 [1900]: 123-124; 1972 [1900]: 514; 1972 [1901]: 525)
Torre de Moncorvo	Bragança	Torre de Moncorvo			•				(PEIXOTO, 1995 [1900]: 123)
Telhado	Castelo Branco	Fundão			•				(PEIXOTO, 1995B [1905]: 181)
Coimbra	Coimbra	Coimbra					•		(PEIXOTO, 1972 [1900]: 514)
Miranda do Corvo	Coimbra	Miranda do Corvo			•				(PEIXOTO, 1995 [1900]: 123, 124, 126; 1972 [1900]: 514; 1972 [1901]: 525)
Arazede (Amieiro)	Coimbra	Montemor-o-Velho				•			(PEIXOTO, 1995 [1900]: 126)
Alfarelos	Coimbra	Soure			•	•			(PEIXOTO, 1995 [1900]: 126; 1972 [1901]: 525)
Candosa	Coimbra	Tábua		•	•				(PEIXOTO, 1995B [1905]: 183)
Estremoz	Évora	Estremoz			•				(PEIXOTO, 1995 [1900]: 95, 120, 126-127; 1972 [1900]: 514; 1972 [1901]: 525)

36. Note-se que Rocha Peixoto ao que hoje designamos por loiça vermelha chama loiça branca. De facto, as peças não são nem brancas nem vermelhas, mas convencionou-se denominar a loiça de barro fosca cozida em atmosfera oxidante, loiça vermelha

Lagos	Faro	Lagos	•						(PEIXOTO, 1995A [1905]: 171)
Loulé	Faro	Loulé				•			(PEIXOTO, 1972 [1900]: 514)
Caldas da Rainha	Leiria	Caldas da Rainha						•	(PEIXOTO, 1972 [1891]: 250-255; 1975 [1891]: 475-477; 1995 [1900]: 121, 127; 1995 [1906]: 219; 1972 [1900]: 515)
Lisboa	Lisboa	Lisboa	•						(PEIXOTO, 1995 [1900]: 120)
Moura	Beja	Moura	•						[Existe uma peça]
Nisa	Portalegre	Nisa			•				(PEIXOTO, 1995 [1900]: 94-95; 1972 [1900]: 514; 1972 [1901]: 525)
S. Pedro da Afurada	Porto	Vila Nova de Gaia						•	(PEIXOTO, 1995 [1900]: 121; 1975A [1907]: 586, Est. XIII, N.º 2)
Gondar	Porto	Amarante			•				(PEIXOTO, 1995B [1905]: 179-184; 1995 [1900]: 95, 123)
Ancede (Lordelo)	Porto	Baião			•				(PEIXOTO, 1995B [1905]: 179-184; 1995 [1900]: 123, 124, 125; 1972 [1901]: 525)
Gove (Paredes)	Porto	Baião			•				(PEIXOTO, 1995 [1905]: 179-184; 1995 [1900]: 123, 125)
Gaia	Porto	Gaia						•	(PEIXOTO, 1972 [1900]: 514)
Soalhães	Porto	Marco de Canaveses			•				(PEIXOTO, 1995 [1900]: 124)
Porto	Porto	Porto	•						(PEIXOTO, 1995A [1905]: 171, Est. XXVIII, N.º 2)
Santa Marinha (Coimbrões)	Porto	Vila Nova de Gaia			•			•	(PEIXOTO, 1995 [1900]: 121, 125-126, 1995B [1905]: 183)
Santarém	Santarém	Santarém	•						[Existe uma peça]
Tomar	Santarém	Tomar			•	•			(PEIXOTO, 1995A [1905]: 172 e Est. XXVIII, N.º 5)
Caminha	Viana do Castelo	Caminha	•						(PEIXOTO, 1995 [1900]: 123-124, 126)
Darque	Viana do Castelo	Viana do Castelo						•	(PEIXOTO, 1995 [1900]: 121; 1975A [1907]: 591-592)
Viana do Castelo	Viana do Castelo	Viana do Castelo	•						(PEIXOTO, 1995 [1900]: 123-124, 126)
Alijó	Vila Real	Alijó	•						(PEIXOTO, 1995 [1900]: 123)
Vilar de Nantes	Vila Real	Chaves			•				(PEIXOTO, 1995 [1900]: 123; 1995B [1905]: 182; 1972 [1900]: 514; 1972 [1901]: 525)
Vila Pouca de Aguiar	Vila Real	Vila Pouca de Aguiar			•				(PEIXOTO, 1995 [1900]: 123)
Mondrões (Bisalhães) e Lordelo	Vila Real	Vila Real			•				(PEIXOTO, 1995 [1900]: 123-124; 1995B [1905]: 182-183; 1972 [1900]: 514; 1972 [1901]: 525)
Lamego	Viseu	Lamego			•				(PEIXOTO, 1995B [1905]: 183-184)
Paus (Fazamões)	Viseu	Resende			•				(PEIXOTO, 1995 [1900]: 123)
Molelos	Viseu	Tondela			•				(PEIXOTO, 1995: 95, 123, 125, 126; 1995 [1908]: 316; 1972 [1900]: 514; 1972 [1901]: 525)

Anexo II
Mapa com os locais de produção cerâmica referidos por Rocha Peixoto



BIBLIOGRAFIA**AREIAS, 1966**

Mário Areias – Cartas de Rocha Peixoto para António Augusto Gonçalves. Póvoa de Varzim: Boletim Cultural: número comemorativo do I centenário do nascimento de Rocha Peixoto. 5: 2 (1966). P. 269-287.

BARREIRA, 1889

João Barreira – Os mortos. Xavier Pinheiro. In Revista de Ciências Naturais e Sociais: órgão dos trabalhadores da Sociedade Carlos Ribeiro. Porto. 1: 1 (1889). P. 95.

CARDOSO, 1997

António Cardoso – O Arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do séc. XX. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1997.

CARTAS, 2008

Cartas a Alberto Sampaio: correspondência. Organização, introdução e notas de Emília Nóvoa Faria e António Martins. Vol. 1. Porto: Campo das Letras, 2008.

CERÂMICA, 1938 [1919]

Caderno com folhas dactilografadas, com 42 páginas e com os seguintes dizeres na capa: «R.P.C. / ARQUIVO / CÓPIA / Museu Municipal do Porto / Documento N.º 5 com 42 páginas / Assunto: «Cerâmica» / «Aquisição sob o auspício do antigo conservador do Museu, Rocha Peixoto» / Inventário N.º 2 / Setembro de 1919 / Observações: Cópia do Caderno Manuscrito existente no Museu e que foi feito pelo antigo conservador Sr. Eleutério Cerdeira / Notas especiais: Serve esta cópia do documento citado, para os trabalhos de buscas quanto ao recheio do Museu Municipal, na organização do INVENTÁRIO – GERAL (1938-1939). A cópia foi dactilografada pelo Auxiliar assalariado Sr. Carlos Miranda. / Data: Setembro de 1938 / Ass.: P[into] do C[outo].

GAMA, 1966

Eurico Gama – Cartas de António Augusto da Rocha Peixoto a António José Torres de Carvalho: 1899-1907. Póvoa de Var-

zim: Boletim Cultural: número comemorativo do I centenário do nascimento de Rocha Peixoto. 5: 2 (1966). P. 89-120.

GONÇALVES, 1965

Flávio Gonçalves – Rocha Peixoto: nas vésperas do Centenário do seu nascimento. Póvoa de Varzim: Boletim Cultural. 4: 2 (1965). P. 297-405.

GONÇALVES, 1966

Flávio Gonçalves – [Prefácio]. Rocha Peixoto: depoimentos e manuscritos. Selecção e notas de Flávio Gonçalves. Matosinhos: Câmara Municipal, 1966.

GONÇALVES, 1995 [1967]

Flávio Gonçalves – Prefácio. Etnografia Portuguesa: obra etnográfica completa. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1995. P. XV-LVI.

Texto escrito no Porto, em Março de 1967

GUIA, 1902

Guia do Museu Municipal do Porto. Porto: Tipografia Central, 1902.

JACQUEMART, 1869

A. Jacquemart – Les Merveilles de la Céramique. Paris: Librairie de L. Hachette et C.^{ie}:1869.

LEPIERRE, 1912 [1899]

Charles Lepierre – Estudo químico e tecnológico sobre cerâmica portuguesa moderna. Lisboa: Imprensa Nacional, 1899. 1.^a ed. 1899.

MARQUES, 1966

Mário César Marques – Para a história de parte do espólio de Rocha Peixoto. Póvoa de Varzim: Boletim Cultural: número comemorativo do I centenário do nascimento de Rocha Peixoto. 5: 2 (1966). P. 289-298.

MONTEIRO, 1903

Manuel Monteiro – No Marão. O Primeiro de Janeiro. Porto. 9 e 16 de Agosto de 1903.

MONTEIRO, 1953

Hernâni Monteiro – Joaquim de Vasconcelos e o Museu Industrial e Comercial do Porto. O Tripeiro. 8, 5.ª série: 11 (Março de 1953). P. 325-327; 8, 5.ª série: 12 (Abril de 1953). P. 356-357.

MONTEIRO, 1980 [1907]

Manuel Monteiro – A loiça de Miranda do Corvo. In Dispersos. Braga: Assembleia Distrital de Braga; ASPA, 1980. P. 103-113. Est. XXI-XXII.

Portugalia: materiais para o estudo do povo português. 2 (1907?). P. 431-438.

NUNES, 1900

M. Dias Nunes – A olaria de Serpa. A Tradição: revista mensal de Etnografia Portuguesa ilustrada. 2: 11 (1900). P. 165, 167, 168-170.

NUNES; FERNANDES, 1998

Henrique Barreto Nunes; Isabel Maria Fernandes – Coleção de desenhos de peças de olaria encontrados no espólio de Manuel Monteiro. Olaria: estudos arqueológicos, históricos e etnográficos. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos. Museu de Olaria. 2ª série. 2 (Dez. 1998). P. 3-28.

PACHECO, 1966 [1909]

Correia Pacheco – Rocha Peixoto. In Rocha Peixoto: depoimentos e manuscritos. Seleção e notas de Flávio Gonçalves. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1966. P. 109-113.

PEIXOTO, 1966

J. da Rocha Peixoto, Coronel – Algumas notícias sobre Rocha Peixoto na intimidade. Póvoa de Varzim: Boletim Cultural: número comemorativo do I centenário do nascimento de Rocha Peixoto. 5: 2 (1966). P. 121-131.

PEIXOTO, 1972 [1891]

Rocha Peixoto – Faiança das Caldas. In Obras. Vol. 2. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1972. P. 250-255.

Texto publicado em 1891 no Boletim do Ateneu Comercial do Porto.

PEIXOTO, 1972 [1894]

Rocha Peixoto – Faianças. In Obras. Vol. 2. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1972. P. 73-76.

Texto publicado em 1894 no jornal «O Primeiro de Janeiro».

PEIXOTO, 1972 [1900]

Rocha Peixoto – Louças Nacionais. In Obras. Vol. 2. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1972. P. 513-517.

Texto publicado em 1900 no jornal «O Primeiro de Janeiro».

PEIXOTO, 1972A [1900]

Rocha Peixoto – A indústria cerâmica. In Obras. Vol. 2. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1972. P. 518-522.

Texto publicado em 1900 na Revista «A Indústria Portuguesa».

PEIXOTO, 1972 [1901]

Rocha Peixoto – A indústria cerâmica em Portugal. In Obras. Vol. 2. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1972. P. 523-529.

Texto publicado em 1901 no «Catálogo da exposição de cerâmica promovida pelo Instituto Portuense de Estudos e conferências...».

PEIXOTO, 1972 [1905]

Rocha Peixoto – Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal, de D. Carolina Michaelis de Vasconcelos. In Obras. Vol. 2. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1972. P. 579-580.

Texto publicado em 1905 na Revista Portugalia.

PEIXOTO, 1975

Rocha Peixoto – Obras. Vol. 3. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1975.

PEIXOTO, 1975 [1891]

Rocha Peixoto – A fábrica das Caldas da Rainha, de Ramalho Ortigão. In Obras. Vol. 2. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1975. P. 475-477.

Recensão bibliográfica publicada em 1891 na Revista de Portugal.

PEIXOTO, 1975 [1898]

Rocha Peixoto – A Sociedade Carlos Ribeiro: nótula histórica. In Obras. Vol. 3. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1975. P.

345-365.

Texto publicado em 1898 na Revista de Ciências Naturais e Sociais.

PEIXOTO, 1975 [1900]

Rocha Peixoto – Estudo químico e tecnológico sobre a cerâmica portuguesa moderna, de Charles Lepierre. In *Obras*. Vol. 3. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1975. P. 531-533.
Recensão bibliográfica publicada em 1900 na Portugalia.

PEIXOTO, 1975 [1907]

Rocha Peixoto – O arqueólogo Português. In *Obras*. Vol. 3. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1975. P. 596-638.
Texto publicado em 1907 na Revista Portugalia.

PEIXOTO, 1975A [1907]

Rocha Peixoto – Estudo químico e tecnológico sobre a cerâmica portuguesa moderna, de Charles Lepierre. In *Obras*. Vol. 3. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1975. P. 583-593.
Texto publicado em 1907 na Portugalia.

PEIXOTO, 1975 [1908]

Rocha Peixoto – A arqueologia e a etnografia nos bilhetes postais. In *Obras*. Vol. 3. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1975. P. 401-403.

Texto manuscrito que se encontra no espólio da Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim. Devia destinar-se a ser publicado no último número da Portugalia, de 7 de Setembro de 1908.

PEIXOTO, 1995

Rocha Peixoto – Etnografia Portuguesa: obra etnográfica completa. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1995.

PEIXOTO, 1995 [1900]

Rocha Peixoto – Indústrias populares: as olarias de Prado. In Rocha Peixoto – Etnografia Portuguesa: obra etnográfica completa. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1995. P. 89-132.
Trabalho publicado em 1900 na Revista Portugalia.

PEIXOTO, 1995 [1901]

Rocha Peixoto – Uma iconografia popular em azulejos. In Rocha Peixoto – Etnografia Portuguesa: obra etnográfica completa. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1995. P. 133-140.

Texto publicado em 1901 na Revista Portugalia.

PEIXOTO, 1995 [1905]

Rocha Peixoto – A Casa Portuguesa. In Rocha Peixoto – Etnografia Portuguesa: obra etnográfica completa. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1995. P. 153-165.

Texto publicado pela primeira vez em 1904 e reeditado na revista Serões em 1905, com a inserção de 18 fotografias entre as quais a da casa de um oleiro de Gondar.

PEIXOTO, 1995A [1905]

Rocha Peixoto – Etnografia portuguesa: iluminação popular. In Rocha Peixoto – Etnografia Portuguesa: obra etnográfica completa. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1995. P. 166-178.

Texto datado de «Porto, Agosto, 1902», publicado em 1905 na Revista Portugalia.

PEIXOTO, 1995B [1905]

Rocha Peixoto – Sobrevivência da primitiva roda de oleiro em Portugal. In Rocha Peixoto – Etnografia Portuguesa: obra etnográfica completa. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1995. P. 179-184.

Texto datado de «Porto, Maio, 1903», publicado em 1905 na Revista Portugalia.

PEIXOTO, 1995 [1906]

Rocha Peixoto – Uma ornamentação cerâmica actual de carácter arcaico. In Rocha Peixoto – Etnografia Portuguesa: obra etnográfica completa. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1995. P. 217-221.

Texto publicado em 1906 na Revista Portugalia.

PEIXOTO, 1995 [1907]

Rocha Peixoto – O traje serrano em Portugal. In Rocha Peixoto – Etnografia Portuguesa: obra etnográfica completa. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1995. P. 222-248.

Texto publicado em 1907 na Revista Portugalia.

PEIXOTO, 1995 [1908]

Rocha Peixoto – Uma iconografia popular em azulejos. In Rocha Peixoto – Etnografia Portuguesa: obra etnográfica completa. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1995. P. 315-316.

Texto publicado em 1908 na Revista Portugalia.

PINHO, 1966 [1909]

José Pinho – Recordação. In Rocha Peixoto: depoimentos e manuscritos. Selecção e notas de Flávio Gonçalves. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1966. P. 71-74.

PIRES, 1906

A. Tomás Pires – A olaria em Elvas. Portugalia: materiais para o estudo do povo português. 2: 6 (1906). P. 274-277

SOUSA, 1927

Tude M. de Sousa – Gerês: notas etnográficas, arqueológicas e históricas. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1927.

TEMUDO, 1905

[Fortunato Augusto Freire Temudo] – Estudo sobre o estado actual da Indústria cerâmica na 2ª circunscricção dos serviços técnicos da Indústria. Lisboa: Imprensa Nacional, 1905. (Boletim do Trabalho Industrial).

VASCONCELOS, 1882

Joaquim de Vasconcelos – Extracto do nosso arquivo. Revista da Sociedade de Instrução do Porto. 2: 12 (1 de Dezembro de 1882). P. 677-685.

VASCONCELOS, 1884 [1883]

Joaquim de Vasconcelos – Cerâmica portuguesa: estudos e documentos inéditos. Porto: Tipografia Elzeviriana, 1884. (História da Arte em Portugal; 4). [1ª ed. 1883].